ANO 12.º LISBOA — DOMINGO, 5 DE JUNHO DE 1932 N.º 3435

Diario de Lisbôa de Domingo

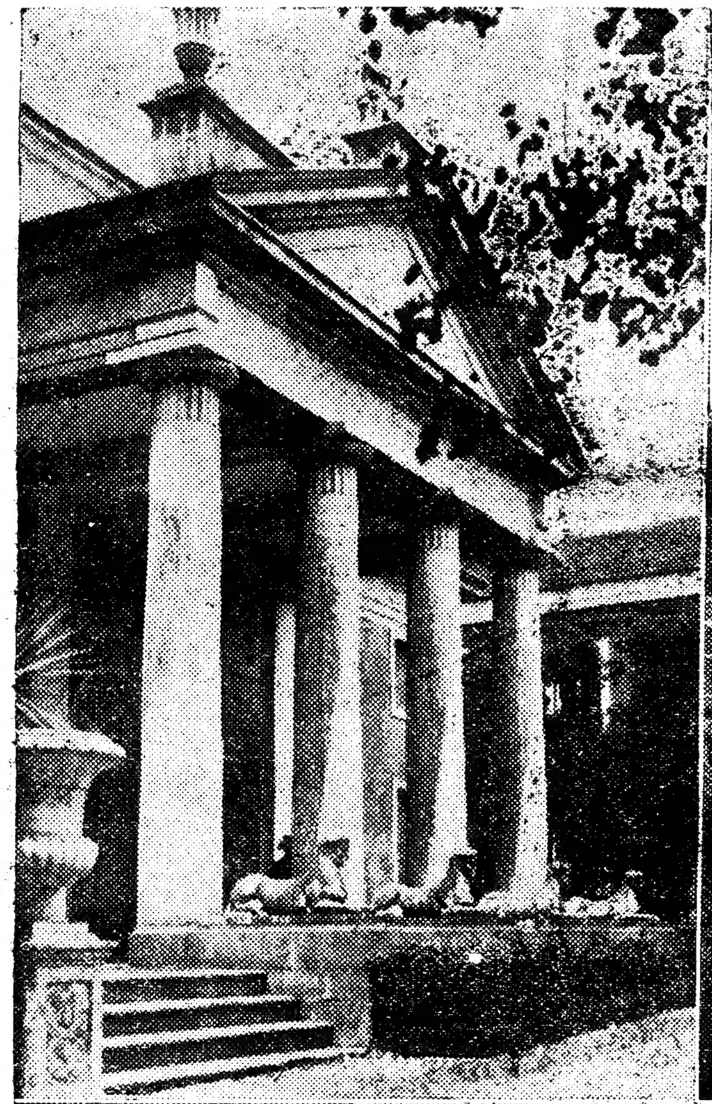
Numero avulso: 30 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
ADMINISTRAÇÃO — Rua da Rosa, 57, 2.º
Endereço Telegrafico: DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, composição e impressão
RUA LUZ SORIANO, 48
TELEFONES — 2 0271, 2 0272 e 2 0273
Endereço telegrafico: DIBOA

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

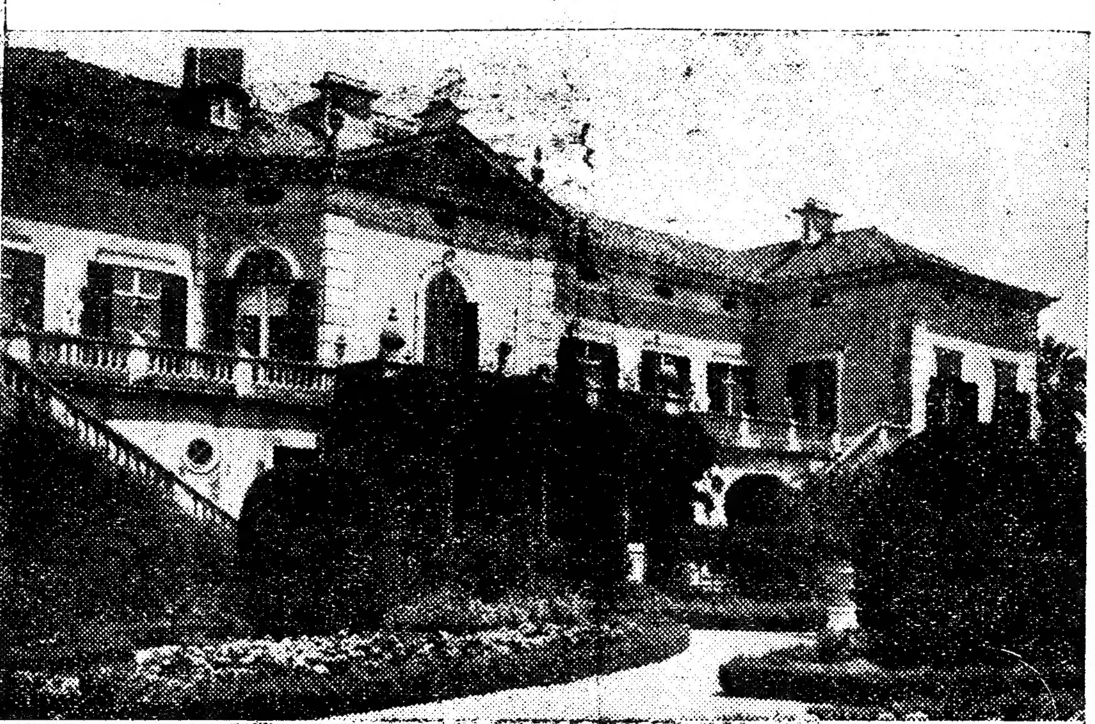
O PALACIO DAS LARANJEIRAS EM ALMOEDA

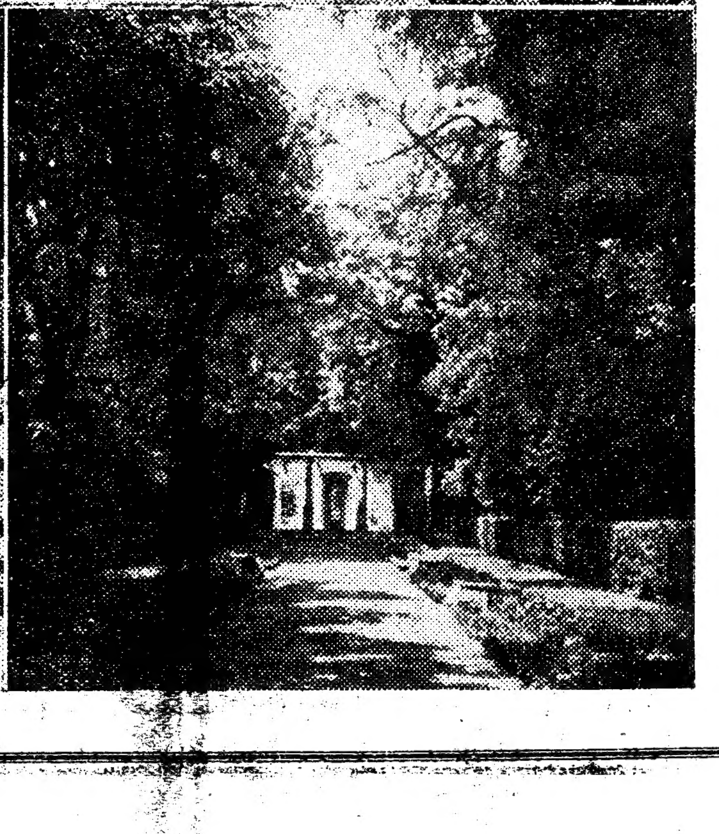


Neste lindo palacio, encantado por jardins de maravilha, desenhados ao estilo de Le Nôtre, viveu ha um secalo uma das mais elegantes e opulentas figuras da nossa aristocracia — o conde de Farrobo. Deram-se ali os mais belos saraus do tempo — que fizeram furor em Lisboa, e onde se gastaram fortunas. Tudo isto se recorda agora, a proposito do leilão do palacio, que andara vinculado á casa Burnay.

A colunata maravilhosa é o antigo teatro das Laranjeiras, onde Garrett representou, e que cincoenta anos depois devia arder. Por dentro não ha nada — apenas as paredes chamuscadas, onde as pombas fazem ninho. O palacio, preciosidade arquitectonica de barroco, está por fóra tal qual como na epoca de Farrobo, numa admiravel conservação, que é milagre do tempo.

Ao fundo dos jardins, de buxos recortados, estatuas mitologicas e urnas de bronze, vê-se o parque, maravilha florestal, com arvores de muitos seculos, que por aqui e ali abrem uma clareira de sol e de repouso. Numa delas, eleva-se o teatro ao ar livre, rico estilo grego. Duas colunas, a que serve de cenario um magnifico "panneau" de azulejos, que nós não sabemos se reproduzem alguma passagem de Eschylo ou de Aristofanes, talvez o ultimo, mais gracioso e ligeiro para o tempo faustoso do conde de Farrobo.





Mundanismo

Aniversarios

Fazem amanhã anos as senhoras:

Princesa de Broglie (D. Helena), viscondessa de Atouguia, D. Mariana de Almeida Correia de Sá de Lucena, D. Camila Zileri Dal Verme, D. Vitoria Braancamp de Mancelos, D. Regina Bressane Leite Perry, D. Maria do Carmo Tôrres de Avelar Pinto Tavares, D. Maria de Carvalho e D. Aurora Celeste Guerreiro.

Casamentos

Na vila de Veiros, realizou-se, na capela de Nossa Senhora do Mileu, o casamento da sr.ª D. Catarina Soeiro das Neves, filha da sr.ª D. Ana Pereira Soeiro das Neves e do sr. Manuel Vicente das Neves, já falecido, com o delegado de saude em Monforte, sr. dr. Arsenio Joaquim Teixeira Jardim, tendo servido de madrinhas as sr.as D. Catarina Pereira de Moura e D. Maria Isabel de Moura, avó e tia da noiva, e de padrinhos os srs. José Maria Pereira de Moura, tio da noiva, e o dr. João Duarte de Oliveira, reitor da Universidade de Coimbra.

Terminado o acto religioso, foi servido, na elegante residencia da mãe da noiva, um finissimo lanche, partindo os noivos, depois, para Lisboa, onde vieram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande numero de valiosas prendas.

Caridade

Em São Carlos

E' amanhã que, no teatro de S. Carlos, se realiza o anunciado concerto de caridade, organizado pela distinta cantora-amadora sr.ª D. Josefina Lages, do qual, o produto se destina a favor da luta contra o cancro.

A brilhante cantora far-se-á ouvir em trechos de Mozart, Beethoven, Liszt, Strauss, Revel, Herminio do Nascimento, Ruy Coelho, dr. Loureiro Denis e dr. Alberto de Morais.

Completa o programa uma parte de concerto por uma orquestra sinfonica de amadores, sob a regencia do ilustre maestro sr. D. Pedro Blanch, que executará um escolhido programa.

O concerto abrirá por uma pequena palestra pelo sr. Luiz de Freitas Branco.

Os poucos bilhetes que restam para esta sensacional festa de caridade e de arte estão á venda no camaroteiro do teatro.

No Casino Estoril

Na noite de sabado 11 do corrente, realiza-se no salão do restaurante do novo Casino Estoril, elegante festa de caridade, que constará de «jantar á americana» seguido de baile, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade e do corpo diplomatico, a favor de várias obras de beneficencia.

As mesas para esta elegante festa de caridade, que decerto vai marcar mais uma pagina a letras de ouro nos anais mundanos do novo Casino Estoril, marcam-se desde já no escritorio do Casino Estoril, telefone Estoril 251.

UM TRABALHO UTIL

A Comissão Electrotecnica Portuguesa editou agora, em «separata» do Diario do Governo», o decreto n.º 21.049, que aprova a lista de sinais graficos para instalações electricas de correntes fortes.

E', como se compreende, um trabalho de utilidade que nenhum tecnico da electricidade pode dispensar-se de possuir.

Agradecemos o exemplar que nos foi oferecido.

Empresa Insulana de Navegação

O paquete

"LIMA"

Para a Madeira, S.ta Maria S. Miguel, Terceira, Graciosa (Santa Cruz), S. Jorge (Calheta), Lages do Pico e Fayal sai no dia 8 de Junho ás 12 horas.

Trata-se com os agentes

Germano Serrão Arnaud

Avenida 24 de Julho, 2 2.º — Telefone 2 0214

SORTES GRANDES?

só a casa COSTA, LDA. as vende

75 = Rua de S. Paulo = 77

TEATRO E CINEMA

"Camilo"

Reinaldo Ferreira (Reporter X) vai, como Sachá Guitry, abordar o teatro biografico, que aquele iniciou com «Pasteur» e outras peças e que a Alemanha está hoje explorando, em grande escala, com «Dreyfus», «Moliére», «Bismarck», etc. A sua primeira peça deste genero será «Camilo», focando a vida do grande romancista, peça dramatizada, começando pelo Baile da Assembleia, reunião da burguesia do Porto em 1840 — onde Camilo conheceu Ana Placido — até ao suicidio em S. Miguel de Seide, passando pelo carcere (da Relação), com a visita de D. Pedro V, as confidencias do José do Telhado, a realização de «O Amor de Perdição», o julgamento, o tribunal, etc. Esta peça, que se dividirá em 12 quadros, vai ser entregue a um dos nossos categorizados empresarios para a pôr em cena, possivelmente ainda este verão.

"Pirilau"

A noticia larga que o «Diario de Lisboa» ontem publicou referente á estreia, na sexta-feira, 10, no Variedades, da nova revista «Pirilau», posta em cena pela empresa Alberto Barbosa, teve o condão de despertar, no nosso publico de todas as classes e de todas as categorias, um invulgarissimo interesse por essa «premiére», a todos os titulos sensacional. Os nomes de Luiza Satanela e Beatriz Costa, de Alvaro Pereira, Antonio Silva e Joaquim Prata, os de Filomena Lima, Josefina Silva, Georgina Cordeiro e Maria Alvarez, como elementos preponderantes no desempenho, juntos aos demais artistas do conjunto e aos dos colaboradores desta obra de «Cicranos & Beltranos», são segura garantia de um espectaculo brilhante e, naturalmente, de um exito que venha despertar fundamente todos os que prezam o teatro ligeiro português.

Os encargos do teatro

Um dos nossos mais activos empresarios e aquele que maiores responsabilidades tem assumido nos ultimos tempos, mantendo inalteravelmente as suas explorações, tem um plano que porá em pratica oportunamente, no sentido de se poder realizar negocios teatrais compativeis com a actual crise economica e os pesados encargos do momento presente.

Atrás do reposteiro

Experimentou sensiveis melhoras, ontem, o actor Chaby Pinheiro, que continua sendo muito visitado por colegas e amigos na Casa de Saude das Amoreiras.

— Uma alta figura do nosso meio literario e jornalistico manifestou desejos de escrever uma peça para determinados elementos do nosso teatro de declamação, ideia que foi acolhida com o maior entusiasmo.

— Um escritor teatral já consagrado, que até agora tem trabalhado para o nosso teatro no genero declamado, abordando apenas a comedia e o drama, apresentará, no proximo inverno, uma opereta, que será desempenhada por uma grande companhia.

— Repete-se mais uma vez hoje no teatro Nacional e em ultima representação as encantadoras peças «Salomé», «Ceia dos Cardeais» e «Tragi-Comedia Pastoril da Serra da Estrela» em que tomam parte, além de todos os elementos que compõem a excelente companhia do Nacional, a ilustre artista Amelia Rey Colaço, que tem na peça «Salomé» uma das suas mais brlhantes criações. No proximo dia 11, e com um programa escolhido, realiza-se a festa artistica de Amelia Rey Colaço, subindo á cêna, nessa noite, a celebre peça de Pirandello «Sonho... mas talvez não» e em que obsequiosamente toma parte o actor Samwell Deniz.

— No domingo, 12 do corrente, a companhia José Climaco termina o seu contrato com a empresa José Loureiro, fechando nesse dia a sua temporada no Avenida com a actual revista «O Dia das Romarias».

— Tendo-se reconhecido que nem todas as empresas teatrais do país, onde seria necessario ir, podiam arcar com os encargos resultantes dos espectaculos da companhia Armando de Vasconcelos, foi resolvido não realizar a projectada «tournée» desta companhia, ficando para outra oportunidade.

— O principal papel masculino da comedia «O Bruxo da Arruda», em ensaios no Trindade, «O Pantaleão», vai ser desempenhado pelo ilustre actor comico Joaquim Almada.

— Para a realização de dois concertos liricos, nos dias 11 e 12 do corrente, no teatro Rivoli, do Porto, fôram convidados os artistas cantores Elsa Levy, José Rosa e Armando Saraiva.

— O actor Jorge Gentil, da companhia José Climaco, vai ser brevemente operado do estomago, para o que recolherá por estes dias á casa de saude do dr. Azevedo Gomes.

— A actriz Amelia Pereira, presa á combinação feita com os seus colegas, na sociedade artistica que funciona no Apolo, recusou o convite que lhe foi feito para ingressar noutra companhia.

— São já numerosissimas as marcações de lugares para a estreia, no Apolo, da peça «A Hora do Sonho», sucessora de «A Pastilha do Amor», que hoje se repete, em ultimo domingo e que mantem o publico em permanente gargalhada.

— Foi agraciado pelo governo espanhol com o oficialato da Ordem de Isabel, a Catolica, segundo lhe foi já comunicado pelas estancias oficiais, o actor Erico Braga, em virtude dos serviços prestados á marinha de guerra daquele pais por ocasião da estada no Tejo do «destroyer» «Almirante Ferrandiz».

CARTAZ

TEATROS

Nacional—A's 21 e 45—«Salomé»—«A ceia dos cardiais»—«Tragi-comédia pastoril da Serra da Estrela».
Gimnasio—A's 21 e 30—«Alvorada do amor»
Avenida—A's 20 e 45 e ás 22 e 45—«O dia das romarias».
Maria Vitoria—A's 20 e 45 e 22 e 45—«A Cova da Piedade».
Apolo—A's 21 e 30—«A pastilha do amor».
Capitolio—A's 21—Variedades
Coliseu:—A's 21 e 30—Sessão cinematografica.

CINEMAS

São Luis—A's 21 e 30.
Tivoli—A's 21 e 30.
Odeon—A's 21 e 30.
Olimpia—Das 14 e 30 ás 24.
Royal Cine—A's 21 e 15.
Condes—A's 21 e 15.
Chiado Terrasse—A's 21 e 30.
Salão Ideal—A's 18.
Cine Palacio—A's 21 e 30
Central—A's 21 e 30.
Esplanada Alvares Cabral—A's 21 e 45—«Noites de Veneza».
Belgica Cinema—A's 20 e 30—Rua da Beneficencia—Quartas e domingos—SONORO.
Paris-Cinema (Sonoro)—R. Domingos Sequeira
Eden Cinema—R. Alvito—A's segundas, quintas, sabados e domingos.
Campolide Cinema—Espectaculos.
Palatino—Rua Filinto Elisio a Santo Amaro
Estrela d'Alva—Rua de S. Paulo.
Promotora—Largo 20 de Abril ao Calvario—A's 21.

Um almoço em honra dos cavaleiros espanhois

Oferecido pela direcção da arma de cavalaria, realizou-se hoje, no Avenida Palace, um almoço em honra dos cavaleiros que constituem a «équipe» representativa de Espanha nas provas do Concurso Hipico Internacional de Lisboa.

Presidiu o sr. general Vieira da Rocha, tendo assistido, além dos homenageados, os srs. general Daniel de Sousa, governador militar de Lisboa; comandante D. Antonio Tapia, adido militar espanhol; coroneis Namorado de Aguiar, Ferreira da Silva, D. Luiz da Cunha Meneses, Manuel Latino Mendonça e Bordallo Pinheiro; tenentes-coroneis Esmeraldo de Carvalhais e Luzignan de Azevedo; capitães Luis Santana, Alvaro Ribeiro e Cruzeira Carvalho, e tenentes Gonçalves e Reis.

No final, trocaram-se afectuosos brindes, tendo usado da palavra os srs. general Vieira da Rocha, D. Jesus Varela de Castro, chefe da «équipe» espanhola, e o coronel Manuel Latino.

Quer a sorte grande?
Habilite-se na tabacaria MADRID
Rua do Mundo. 115

HOJE—penultimo domingo para o adeus da revista
O Dia das Romarias
NO AVENIDA
Com as ultimas exibições da celebre bailarina negra de 12 anos
LITTLE ESTHER

Curia
Estancia dos artritricos
Aberta desde o dia 1 de Junho
PALACE HOTEL DA CURIA
Aberto todo o ano

Grande Hotel d'Italia
Mont'Estoril

T. S. F.

Programas escolhidos

PARA HOJE

A's 20: RADIO PARIS (75 kw. — 1.724,1 m.): «music-hall».

20 e 15: ARGEL (16 kw. — 363,3 m.): concerto consagrado a Mozart.

20 e 30: ESTRASBURGO (17 kw. — 345,2 m.): concerto por uma filarmonica de 120 executantes mineiros.

20 e 45: POSTO PARISIENSE (160 kw. — 328,2 m.): concerto sinfonico; ROMA 75 kw. — 441,2 m.): «Flor de neve», de Blanc.

21: BORDEUS-LAFAYETTE (12 kw. — 304 m.): concerto de gala.

21 e 5: LONDRES NACIONAL (50 kw. — 261,3 m.): concerto de orquestra — musica de Schubert, Strauss e Mascagni; LONDRES REGIONAL (50 kw. — 355,9 m.): musica de camara.

Emissões nacionais

Das 18 ás 20 e 20: C T 1 D S, discos.

Das 18 ás 20 e 30: C T 1 D S, discos

Das 20 e 20 ás 22 e 20: C T 1 E B (Rádio Condes), discos.

Das 22 e 20 á 1: C T 1 B O, da «Hertziana», discos.

Estas estações trabalham no comprimento de onda de 283,6 metros.

Das 15 ás 18 e das 22 e 30 ás 0,30: C T 1 G L (Rádio Club Português) (453,2 m), discos.

Inaugurou-se o Congresso da Imprensa alentejana

Na sala «Algarve», da Sociedade de Geografia, realizou-se hoje, pelas 16 e 30, a sessão inaugural do 1.º Congresso da Imprensa Alentejana, sob a presidencia do Chefe do Estado e com a presença dos srs. presidente do Ministerio, ministro da Agricultura, governador civil de Portalegre, membros da direcção do Gremio Alentejano e muitos convidados.

Aberta a sessão, usaram da palavra os srs. dr. Damas Mora, em nome da comissão executiva do Congresso; Vitor Santos, pela direcção do Gremio Alentejano; Armando Boaventura, em nome da Imprensa alentejana; Lourenço Caiola e, por ultimo, o Chefe do Estado.

Encerrada a sessão, o sr. Presidente da Republica colocou no peito do sr. João de Carvalho Serra as insignias de Comendador da Benemerencia, pelos relevantes serviços prestados em prol do desenvolvimento do turismo em Portalegre e pela maneira como tem procurado resolver a crise do desemprego, dando trabalho nas suas propriedades a dezenas de operarios.

Terminada esta cerimonia, foram levantados entusiasticos «vivas» ao Alentejo, á Patria e á Republica.

Ao sr. general Carmona, ministros e entidades oficiais foi, em seguida, oferecida uma taça de champanhe.

Amanhã, ás 15 horas, efectua-se a primeira sessão de trabalhos. A's 17, os congressistas visitam os principais diarios da capital, a Casa da Imprensa e vários monumentos. A's 22 horas, realiza-se a segunda sessão.

«O Comercio do Porto» e o «Jornal de Noticias»

Completou 78 anos de existencia o nosso prezado colega *O Comercio do Porto* que o sr. dr. Bento Carqueja brilhantemente dirige.

Por sua vez, *O Jornal de Noticias*, o querido colega portuense que é inteligentemente dirigido pelo sr. Anibal de Morais. festejou o seu 439 aniversario.

Aos dois magnificos jornais da capital do norte e aos seus ilustres directores, apresentamos os nossos sinceros cumprimentos de saudação.

Dr. Ribeiro Seixas

PORTO, 5. — Realizou-se esta manhã o funeral do dr. Ribeiro Seixas, cunhado do dr. Leonardo Coimbra, medico e jornalista estimadissimo nesta cidade.

Milhares de pessoas encorporaram-se no prestito funebre, que constituiu uma imponente manifestação de pezar.

Mulher agredida

No patio Vila Mota, 10, á rua Soares dos Reis, em Campolide, um sapateiro, de nome Antonio agrediu hoje, parece que com a faca do oficio, sua mulher Alexandrina da Conceição, de 26 anos, peixeira, que recolheu ao hospital de S. José. O agressor foi preso.

Incendio numa drogaria

Na drogaria do sr Carlos Cesar Dias Neves, na rua Braancamp, 10-A, declarou-se hoje incendio, que foi rapidamente dominado. O seu proprietario, morador na rua Braancamp, 52, ficou com queimadores nas pernas, tendo recolhido ao hospital de Santo Antonio dos Capuchos.

—Quer V. Ex.ª uma cerveja bem tirada? Vá ao La-Gáre.

MANILHAS DE GRÉS
das fabricas da
Comp.ª das Fabricas Ceramica
Lusitania
Lisboa | Porto | Coimbra
R. Arco Cego, 68 | R. Almada, 249 | Lorato

A Cidade

Dr.ª Maria Manoela Meireles Pinto
Interna dos Hospitais
Doenças das senhoras e Crianças—CLINICA GERAL
CONSULTAS—R. Aurea n.º 280 1.º Esq.
das 3 ás 4 Tel. 23170
T. Convento Jesus, n.º 3 das 5 ás 7
Poço Novo Tel. 28487

Factos e Comentarios

A SEMANA POLITICA

Aplanadas as duvidas suscitadas pelo artigo 21.º do projecto da nova Constituição Politica, os jornais começaram já a ocupar-se desse importante documento.

O Diario de Noticias *escreve o seguinte:*

«O governo, no intuito de apressar, quanto possivel, o termo do periodo ditatorial em que o país tem vivido nos ultimos anos, fez publicar, no dia 28 de Maio ultimo, em diferentes orgãos da imprensa, o projecto duma nova Constituição, para comemorar a data em que se fundou a actual situação politica.

Anunciou, nesse momento, que sujeita livremente o seu projecto a uma discussão ampla e aberta, desejando que a opinião se manifeste claramente sobre a orientação a que ele obedece e as disposições que contém, para o referido projecto, depois de emendado ou corrigido de acôrdo com as indicações justas feitas sobre a forma ou o sentido de alguns dos seus artigos, ser proposto, em plebiscito, á confirmação do país».

O mesmo jornal promete realizar um largo inquerito sôbre o assunto, procurando ouvir o parecer de muitos dos homens de maior prestigio na sociedade portuguesa, «pelo saber, posições oficiais que ocupam e autoridade conquistada perante o conceito dos seus concidadãos».

* * *

O Seculo, *por sua vez, escreve:*

«As ditaduras são fenomenos episodicos, que de vez em quando surgem na vida dos povos, ainda afastados do seu equilibrio. Isto foi sempre verdadeiro. E ainda não deixou de ser. Hoje, como ontem, as ditaduras não podem durar sempre. Não podem ser eternas, por serem sistemas anormais de governo. A perpetuidade não se coaduna com essa modalidade a que de quando em quando se sujeita a arte de conduzir os povos. Ora a ditadura portuguesa dura ha seis anos. Fê-los ha poucos dias. Basta recordar-lhe a estirada existencia para se reconhecer que o seu fim não pode ser longinquo. Feito o diagnostico, a medicação é facil. No caso presente, consiste apenas nisto: em se procurar uma transição sem convulsões nem solavancos; em se regressar a uma normalidade constitucional, que meta a vida do Estado, nas suas mil e uma ramificações, nos proprios carris. O acto inteligente é esse. Mais: esse é o acto imprescindivel, por ser necessario. Não o praticar sem demora seria um erro palmar. Razões desta afirmação? Todos as conhecem».

Referindo-se propriamente ao estatuto constitucional, o Seculo *diz:*

«Há, no diploma em analise, algo de bom. Mas tambem por lá se depara algo de deficiente e de francamente mau. Diz o governo que está disposto, conservando embora o espirito a que a nova Constituição obedece, a não fazer questão de pormenores. Aceitará, portanto, todas as sugestões, que tendam a melhorar o seu trabalho. Se proceder assim, faz bem. Mostrará que não é intransigente. Provará que se encontra animado, perante a opinião publica, das melhores intenções. Não julgue, porém, o governo, que mesmo depois de refundir a futura Constituição de harmonia com os alvitres, que surgirem durante o debate a iniciar-se, faz obra eterna, ainda que perfeita. Não a faz nem a pode fazer. As sociedades, como os individuos, estão sujeitas a leis, contra as quais a vontade dos homens nada pode. A' face dessas leis, a nova Constituição não será intangivel, não será perpetua, não será imutavel. Mas será uma constituição. E mais vale viver-se á sombra de um diploma dessa natureza do que sem constituição nenhuma.

Entre haver um estatuto fundamental do Estado, que ámanhã pode ser modificado, alterado e refundido e não se saber em que lei se vive, O Seculo declara que prefere a primeira solução. Quanto mais não seja por as situações claras serem sempre preferiveis a quaisquer outras».

Abordando a questão do regime, que de resto não está em causa, visto que o projecto de Constituição reconhece as instituições republicanas — «o Estado português adopta como forma de governo a Republica organicamente democratica e representativa» — o «Seculo» acrescenta:

«Podem os restos dispersos dum monarquismo quasi pulverizado desentranhar-se em declarações parvas e notas oficiosas, soando a ôco, que a Nação não dará por elas. As suas constantes, impertinentes e supinamente irritantes invocações a reis, que não existem, a rainhas, que os não conhecem e os ignoram, a principes de comedia e a lugar-tenentes de operetas ofembaquianas, já não impressionam ninguem. Quando muito, fazem rir. E quando o riso estala á volta duma ideia, dum principio ou duma causa, que querem ser solenes, só ha uma coisa a fazer: entoar-lhes, para descanso eterno, o barbaro latim dos mortos.

Reis, rainhas, principes vagabundos e lugares-tenentes de bastão de lata, tudo isso está morto e bem morto. Não se ressuscita nem que contra os que derrubaram tais velharias se despeje toda a petulancia de que é capaz a inconsciencia dos fosseis politicos, inaptos para compreenderem que o mundo não pára e que não nasceram fadados para Josués».

* * *

O «Diario de Lisboa», discutindo o projecto, escreve:

«Frisamos especialmente a seguinte passagem: *o livre acesso de todas as classes aos beneficios da civilização.*

Longe vão os tempos em que á aristocracia dos senhores correspondia a penuria dos servos. Os direitos e deveres repartem-se na proporção em que cada um trabalha pelo bem comum. Os proveitos tambem...»

E propõe que se dê outra redacção ao artigo 7, que transcrevemos:

— «O territorio de Portugal é o que actualmente lhe pertence na Europa, na Africa, na Asia e na Oceania, pela posse historica, leis, tratados ou convenções internacionais, ressalvados os direitos que tenha ou possa vir a ter sôbre qualquer outro».

A redacção proposta é no sentido de inscrever, no corpo do artigo ou em paragrafo, os nomes de Portugal, Madeira e Açôres, Guiné, Cabo Verde, S. Tomé e Principe, Ajudá, Cabinda, Angola, Moçambique, Gôa, Damão e Diu, Macau e Timor.

Porque, escreve-se no mesmo artigo, não temos só terras, mas tambem alma que não podem ser avaliadas quantitativamente».

A Junta Central do Integralismo Lusitano fez publicar nos jornais uma nota em que aquele organismo se declara «decidido, por intermedio dos filiados nas suas organizações que assim o desejem, a cooperar oportunamente com a ditadura militar em tudo quanto sirva o bem comum e procure realizar a igualdade dos portugueses perante a lei, condição essencial para efectivar o proposito de união nacional.

Referindo-se ao projecto de Constituição, o mesmo documento acrescenta que, «não obstante a doutrina justa, mas, tecnicamente, mal formulada, do relatorio (o Estatuto), traduz a negação das suas melhores promessas, quando estabelece um regime parlamentar que a breve trecho reconduziria ao predominio dos partidos, mostrando assim uma inexplicavel transigencia com os falsos principios que, ha tantos anos, têm dividido os portugueses e arruinado a Nação».

Por sua vez, a Direcção da causa monarquica fez saber que «a publicação do projecto de diploma denominado Constituição Politica da Republica Portuguesa *não altera a posição que a Causa Monarquica assumiu perante os governos da ditadura militar, em conformidade com as ordens de el-rei e na convicção de que o interesse nacional lhe impõe no actual momento historico o sacrificio das suas aspirações perante a necessidade absoluta de fortalecimento dos poderes do Estado».*

* * *

Discursando ha dias, na cerimonia da inauguração da Maternidade dr. Alfredo da Costa, o sr. ministro do Interior afirmou:

«Não conheço Constituição, nem Codigo Civil que mais longe tenha levado a defesa dos direitos á vida humana do que o faz o texto da nova Constituição Portuguesa que, depois de assegurar a ordem e a solidez da Familia, «como fonte de conservação e desenvolvimento da raça», impõe ao Estado o dever de proteger especialmente a maternidade, garantindo a todos os nascituros, sem excepção, o direito á vida, contra egoismos viciosos ou desnaturados».

* * *

Noticiaram os jornais a eclosão, no Porto, de um movimento operario de protesto contra o desconto de dois por cento nos salarios a favor dos desempregados.

A greve geral proclamada pela C. G. T. apenas encontrou eco em algumas classes, nomeadamente pessoal da Carris, industria textil e compositores tipograficos.

* * *

A folha oficial publicou, «a bem do serviço publico», o decreto de demissão do comandante Quirino da Fonseca, de vogal da Comissão Administrativa da Camara Municipal de Lisboa.

* * *

Anuncia-se para o proximo mês de agosto a viagem do sr. general Carmona aos Açôres. O Chefe do Estado far-se-á acompanhar de alguns membros do governo.

«Luzes da Cidade»

Só agora o nosso camarada Norberto de Araujo pôde ler um artigo do nosso ilustre e prezado colega de jornalismo, sr. Avelino de Almeida, no "Cinefilo„ e no qual se fazem algumas amaveis, até lisonjeiras referencias a uma "Pagina de 5.ª feira„, de Norberto de Araujo, que aludia ao *filme* de Charlot "Luzes da Cidade„.

O nosso camarada de redacção afirma já: foi por desconhecimento dos factos que não atribuiu ao seu amigo sr. Castelo Lopes a iniciativa e a audacia financeira, que são representadas pela passagem em dois cinemas da capital — S. Luís e Condes—do citado *filme* de Chaplin. E' um erro de informação, de que Norberto de Araujo faz penitencia. Ao sr. Castelo Lopes, exclusivamente, se deve o empreendimento.

Bem. Quanto ao artigo do sr. Avelino de Almeida, escritor e jornalista por quem o citado N. de A. tem a maior admiração, deve dizer-se que, aparte os elogios, "ele está certo„. A parte principal, quasi a razão de ser do artigo, é o protesto contra a injustiça feita ao sr. Castelo Lopes. Responde-se acima. No demais, o querido companheiro de Norberto de Araujo assinala a nula competencia cinematografica do autor da "Pagina de 5.ª feira„ e produz assim uma grande verdade.

Competencia, porém, não tem que ver com sensibilidade. Norberto de Araujo, jornalista, é publico ás vezes, e ás vezes diz da sua justiça — justa. Foi o que fez.

"Sans rancune„ — termina Avelino de Almeida. Para quê "sans rancune„ se o ilustre critico só foi amavel? Aqui vai um abraço de Araujo para Almeida, para continuarem ambos por muitos anos e bons a comunicarem, em mudo e em sonoro, mas sempre com o optimismo do primeiro e o aprumo intelectual do segundo.

Filmes portugueses

Está constituida a Sociedade Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Kiang film. O titulo é muito complicado (S. P. F. S. T. K.), mas os objectivos são simples, patrioticos, inteligentes. O aspecto financeiro é firme. De resto, pessoas competentes, representativas, de iniciativa e de boa vontade. A nova Sociedade não é um "bluff„.

O nome português mais respeitado e mais acreditado em produção de cinema — Leitão de Barros, artista criador, mocidade vibrante, decisão inteligente, e experiencia feita — está ligado á Sociedade, embora não apareça no quadro do financiamento.

Vai-se continuar a serio a produção nacional do cinema? Compreenderá o Estado a função patriotica da nova Sociedade?

O sr. dr. Antonio Fonseca, presidente do Conselho de Administração da Sociedade publica hoje no *Diario de Noticias* uma entrevista elucidativa, apesar de dada em ar de relatorio.

Esperemos a acção da simpatica colectividade.

Um esclarecimento

A proposito dum comunicado da *United Press* que ontem publicámos, em que se fala de «empresarios de mendicidade» em Avana, o sr. D. Arturo Lopnaz del Castillo, ilustre encarregado dos negocios de Cuba em Portugal, informa-nos que a mendicidade está completamente proibida em todo o territorio da republica e que essa proibição é efectiva.

Todos devem ir admirar
A Fonte Luminosa
da Exposição Colonial de Paris
surpreendente efeito luminoso
BREVEMENTE

O Grande Café Nacional
abriu mais um amplo e confortavel salão de bilhares na
RUA 1.º DE DEZEMBRO

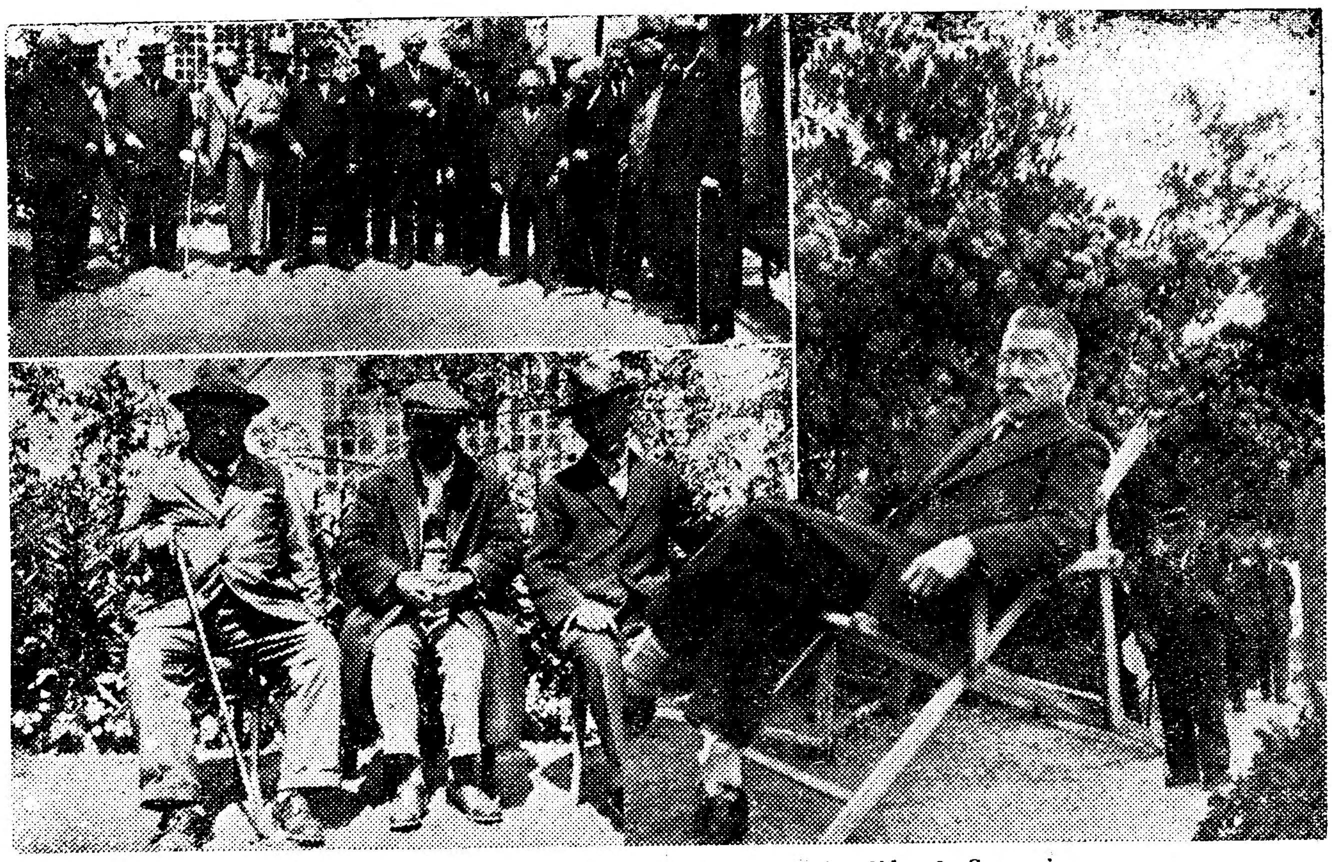
CONDES
Prossegue com lotações esgotadas
ANJOS DO INFERNO
o mais extraordinario filme da guerra aerea

ROYAL-CINE
Soirée ás 21 e 30
Ultimas exibições do grande divo do tango CARLOS GARDEL
LUZES DE BUENOS AIRES

ODEON Hoje ás 21,30 h.
A alegre comedia musical
Dois num automovel
com ANABELA, JEAN MURAT e o grande comico DUVALLES

A casa de repouso do Lumiar

é uma das mais belas obras de assistencia do país



Alguns aspectos colhidos na casa de repouso dos Invalidos do Comercio

O titulo da obra não diz nada. Desperta, apenas, uma vaga simpatia, como todas as casas de caridade que existem em Lisboa, sujeitas ao frio modelo dos recolhimentos. E' preciso entrar lá dentro para vêr quanto pode a energia animadora, constante, dum homem que não atravessa a vida inutilmente: Alexandre Ferreira. E' ele a alma luminosa e enternecedora daquilo tudo. Será um maníaco do bem? Abençoada mania, pedindo a torto e a direito, como um cego, importunando até, mas construindo uma das mais belas obras de assistencia que existem no país. Mas difere de todas, não por ser a mais rica, mas por ser a mais humana e carinhosa. Os *Invalidos do Comercio* — passa hoje a data — instalaram-se ha dois anos, pobremente, num velho edificio, agora restaurado, ali ao Lumiar. Conservou-se e registou-se o seu nome: Paço do Lumiar. E' já fóra de portas. As trazeiras são passagem saloia, de almoínhos e vergeis, em pleno encanto da primavera. Grandes horizontes. Flores todo o ano. Fontes que não secam.

Fecha-se a porta e acaba o mundo. Ha um pateo, com flôres e latadas, que é uma autentica estampa da Andaluzia. Uma sineta que raro toca, vasos de sardinheira, que sobem comnosco a escada, degrau a degrau. Azulejos com santos portugueses. E, passeando na cêrca, inclinados sob os anos, velhinhos sadios, que namoram as rosas e as ilusões, que não acabam. São os invalidos. Custa a acreditar que o sejam. A instituição a nada os obriga. Vestem como querem. Quasi não conversam. Para quê, se já disseram tudo quanto tinham para dizer? São vinte e cinco, vindos de todos os pontos do país e abrangendo todas as modalidades do comercio. O patrão que, honradamente, teve de fechar a porta, saldando os seus compromissos, isto aos cincoenta anos, depois de muita labuta, e o caixeiro, outra vida honrada, que terminou como começara: sem vintem. Conhecem-se todos, sem hierarquias. E remoçam, mais robustos ao contacto da natureza, vendo passar os dias devagarinho, com a barriga cheia e o cachimbo a arder, em transparentes volutas de fantasia.

Têm uns quartos lindos. Ha-os com duas camas, com quatro, e até só com uma. Se aquilo fôsse um hotel, a Sociedade Propaganda de Portugal devia recomendá-lo. Não se pode estar melhor instalado, com tanto conforto e até com luxo, que a idade provecta dos invalidos plenamente justifica. Os leitos são brancos, em ferro trabalhado, bem fornecidos de roupa, tendo cada um o seu *édredon*. Nas banquinhas ha uma lampada electrica, de *abat-jour*, que diz bem no ambiente, e serve para iluminar, suavemente, os que gostam de lêr, deitados. Tapetes, espelhos e comodas, onde cada invalido guarda o seu modesto bragal. Todos os quartos têm sol. Abre-se uma janela e entra logo a ramagem duma arvore. Ha uma sala-biblioteca, com *maples* profundos, e até um aparelho de telefonia, de boa marca e melhor sonoridade. A sala de jantar é um encanto. A mesa comprida e o rancho do caldeirão foram substituidos por mesinhas pequenas, onde, aos três e três, servidos por uma servilheta gentil, de avental branco, os invalidos comem as suas quatro refeições ao dia.

A cêrca é uma maravilha. Metade parque, metade horta. Tudo está cultivado. Ha caminhos cheios de rosas. Velhos bancos de madeira, onde deve ser doce preguiçar. Tudo aquilo é dos invalidos, que não sabem como agradecer á direcção, nem ao Alexandre Ferreira, cada vez mais paternal e paciente, revendo a obra de que foi fundador. Num dos anexos do edificio funciona a cozinha dos desempregados do comercio. Distribuem-se gratuitamente cem refeições por dia, que são levadas num *camion* a toda a parte.

Vimos as coisas. Falta-nos agora vêr as almas. Límpidas, contentes. Veem-se ao sol, como a vidraça duma janela. Aqueles vinte e cinco homens, que já dobraram os sessenta anos, e trabalharam, sofreram, têm agora, no ultimo quartel da existencia, sem vexames, sem humilhações, um pedaço de felicidade. E é, entre flôres, que eles acabam o resto da estrada, que é a vida...

A revolta do Chile

Dissolução do exercito

SANTIAGO DO CHILE, 5. — O governo da Republica socialista do Chile licenceou vários regimentos, entre os quais o da guarda branca. Os unicos regimentos que serão mantidos são os de carabineiros e as fôrças encarregadas de manter a ordem. — (Havas).

O novo governo

SANTIAGO DO CHILE, 5. — Anuncia-se a constituição do novo governo, que é como segue: ministro do Interior, general Puga; Estrangeiros, Errezuqui; Finanças, Alfredo Labarrigue; Guerra, coronel Grova.

Depois de anunciada a constituição do novo governo, começou a reinar a tranquilidade. — (Havas).

Lanches para casamentos
PATISSERIE VERSAILLES

COMEÇOU HOJE A LEILOAR-SE

o guarda-roupa Cruz

Estamos na Semana dos Leilões. Depois do Palacio Farrôbo, o guarda-roupa Cruz, quasi secular, com um passado que excedeu as possibilidades de vestir as grandes peças de teatro e de disfarçar os foliões de quasi uma centena de carnavais. E' verdade que das suas glorias teatraes ainda conserva os fatos de «D. Cesar de Bazan» e as tunicas de «A Vida de Cristo», e dos efemeros carnavais ainda restam dominós e «pierrots», mas os reais valores do guarda-roupa, que do velho Cruz passou para o velho Oliveira — o Oliveira cinefilo que ajudou a vestir e até entrou no filme «A Severa» — os grandes motivos de orgulho da casa, residem no que ela tem de autentico, restos gloriosos duma epoca, de muitas epocas.

Autenticos fatos Luis XV e XVI, fatos que pertenceram a generais e ministros, a almirantes e diplomatas, casacas que vestiram cavaleiros tauromaquicos no tempo em que estes eram fidalgos, e até a libré do sota do marquês de Valadas, da posse de tudo isto se orgulha o antigo guarda-roupa Cruz.

Em armas, não falemos: desde o inicio da nacionalidade, passando pelos dos mouros, que nos antecederam na Peninsula, e chegando ás dos franceses, que depois a invadiram; armas dos patuleias; trabucos e até a espingarda do José do Telhado, tudo isto existe por poucos dias, no velho arquivo da rua do Mundo, tão rico de montantes de Toledo e espadas celebres, que até ofereceu ao Museu de Artelharia a que pertenceu ao general Gomes Freire. E para ter de tudo até tem as chaves da cidade que foram oferecidas a D. Pedro I...

Ao leilão do guarda-roupa Cruz, que se iniciou hoje, e continuará nos dias seguintes, assistiram representantes do Museu de Artelharia, amadores de antiguidades e amadores dramaticos, estes na esperança de descobrirem a casaca que o grande José Carlos Santos vestia no seu famoso Luiz XVI, ou a malha do genial Antonio Pedro no «Saltimbanco».

PETROLEO HAHN
contra a queda do cabelo

UMA INICIATI

Vamos ter

cinema p

diz-nos Leit

Os jornais noticiaram já a constituição duma sociedade portuguesa de filmes sonoros, ligada a uma grande empresa cinematografica estrangeira, que dentro em breve iniciará entre nós os seus trabalhos.

A' frente dessa organização encontra-se, como director artistico, o nome prestigioso de Leitão de Barros, que tem sido o grande animador do cinema português. Maria do Mar *e* A Severa *são as duas tentativas mais inteligentes que se têm feito entre nós para criar uma industria nacional de cinema. Devem-se ambas a Leitão de Barros, inteligencia europeia, jornalista brilhante e animador precioso, cuja tenacidade opera milagres.*

Eis o que o ilustre artista nos disse hoje acêrca da constituição da nova empresa e dos objectivos que tem em vista:

— E' preciso considerar a constituição da Companhia de Filmes Sonoros Portugueses Tobis Klansfilm como uma iniciativa de interesse nacional. E estou convencido de que a grande maioria das pessoas que tenham a consciencia da época em que vivem não lhe negarão esse valor.

Só assim se compreende que personalidades de incontestavel destaque no nosso meio tenham dado o seu apoio e o seu trabalho para a efectivação desse largo empreendimento. Não é só á faixa metropolitana de Portugal que este assunto interessa. E' principalmente á unidade e a soberania do espirito português em todo o mundo que o aparecimento do espectaculo editorial na lingua patria interessa sobremaneira.

«Não posso compreender que haja mais forte esteio e forma de ligação, espiritual e moral, entre perdidas e longinquas colonias de portugueses, do que o espectaculo falado na lingua comum — e mais do que falado, sentido no espirito da Mãi-Patria. Tambem compreendo bem que, para os nossos grandes nucleos coloniais — como o do Brasil — o espectaculo em lingua e em sentimento patrios seja a mais legitima expressão de orgulho nacional.

— Sob o ponto de vista artistico, o que serão as futuras produções da Companhia?

— Como sabe, pelos Estatutos, a escolha de argumentos e de artistas não depende exclusivamente do director artistico, mas sim do Conselho de Produção e da Administração da Companhia que julga em ultima instancia. Não posso nem devo, portanto, desde já, dizer-lhe o que se vai fazer antes do começo dos trabalhos dessas entidades. A minha opinião é a de que teremos em Portugal os elementos todos para podermos trabalhar. A parte tecnica, isto é, trabalhos de laboração e de aparelhagem de tomada de sons, a unica que pode ser sujeita á aprendizagem no estrangeiro, está assegurada pela assistencia especializada da grande casa que é a Tobis Klangfilm de Berlim, que tem como seu representante no Conselho de Administração o director da A. E. G. em Portugal, sr. engenheiro Hasson. Escola de realizadores não ha em parte alguma, como não ha escola de poetas ou de dramaturgos, ou até de criticos do cinema. E nós, nos Studios da Companhia Portuguesa havemos de criá-los, não em macaqueações dos realizadores estrangeiros, mas dando-lhes o estilo duma produção nacional, com caracter e sentimento proprios. Com respeito aos colaboradores artisticos da musica, das palavras e da interpretação, espero que tenhamos de inicio algumas dificuldades, o que não impede que as não vençamos. E' natural que aqueles que nunca fizeram nada, e que costumam sempre exigir logo tudo, esperem que se carregue num botão e surja o cinema português todo inteirinho, com estilo, tecnica, experiencia e genio. Eu por mim penso que os nossos artistas comicos são de primeira ordem em qualquer parte do mundo e reco-

GAZOLINA
A melhor e
Litr
Garage Fisk

A ARROJADA

finalmente

rtuguês

o de Barros

heço-os, hoje, superiores aos espanhois, guais aos melhores franceses, e por infor-nações sei-os muito mais importantes em ualidade e quantidade, do que os brasi-eiros. Temos musicos cheios de inspiração de estilo francamente nacionalistas, cujos omes todos recordarão. Temos paisagem, rte, arqueologia e historia, sensibilidade civilização — essa sim é que se não impro-isa — que nos permite ambicionar, legiti-namente, a hegemonia do espectaculo ci-ematografico na lingua portuguesa.

E' natural que a nossa grande «equipe», le tecnicos, de artistas, de colaboradores le toda a ordem, e até de emprezarios, pro-lutores e comerciantes do cinema, não for-ne essa verdadeira e precisa «association», omo se diz no «foot-ball», logo de começo, as produções tenham uma curva ascen-lente de prefeição e de dominio geral da ndustria. Mas isso não impede que eu te-nha uma esperança firme no franco aco-himento do publico, desde o começo, aos nossos trabalhos. Não quero, nem posso, omo lhe disse, desde já, definir-lhe as ca-acteristicas da produção da nossa Compa-hia. Mas julgo bem que ha três tipos de ilmes cuja possibilidade de realização se leve encarar desde já: os filmes saudaveis, legres, optimistas, sem lagrimas irremedia-eis nem tragedias soturnas, que deem en-ejo ao aparecimento do nosso «folk-lore» iquissimo e quasi intacto ainda; os filmes le interesse historico, presos á lenda e á radição; os filmes de cultura e amôr cons-iente á terra portuguesa, que sejam não só ropaganda de Portugal no estrangeiro, nas, e principalmente, propaganda de Por-ugal em Portugal, o que é ainda muito nais importante.

Aparte estes filmes, de argumento origi-al, haverá, naturalmente, interesse em er-uer na tela as obras consagradas da lite-atura e do teatro que tenham condições para isso. A Sociedade de Escritores e Com-positores Teatrais compreendeu já o lar-uissimo alcance desta iniciativa e o cam-o vasto que se abre ao trabalho dos seus ssociados — e nesse sentido oficiou á nossa Companhia. Os artistas teatrais, pela voz lo presidente do seu Gremio, deram-nos já ntusiasticos aplausos. A'manhã serão, de-erto, os arstistas-musicos que reconhece-ão a nova forma de actividade que se lhes proporciona. Numa palavra, a economia ge-al do espectaculo português, vivamente perturbada com a avalanche do espectaculo estrangeiro entre nós, sentir-se-ha, indubi-avelmente, melhorada num futuro proxi-no.

O publico, esse, estamos certos, ha de bemdizer esta iniciativa. No tempo do cine-na mudo, ele tinha um espectaculo feito para todas as pleteias — que na maior par-e das vezes a todos interessava. Agora, dão-he um bom espectaculo inglês, alemão ou francês, mas de tal forma trucidado pela nvasão tipografica, que, ás vezes, os dia-ogos são paginas escritas, cortadas por re-ampagos de imagens que fatigam ainda nais os conhecedores da lingua estrangeira lo que os ignorantes dela.

— E quando aparecerão esses filmes?

— Vamos trabalhar desde já. Esperamos fixar neste verão alguns aspectos das gran-des festas regionais. Para isso utilizaremos um «camion». Os nossos aparelhos do es-tudio, que o dr. Schultz, chefe da Tobis de Berlim, está estudando neste momento pa-ra nós, estarão prontos dentro de meses. Na proxima epoca, Lisboa terá os progra-mas dos seus «écrans» renovados pela pa-lavra e pela musica portuguesas. Portugal inteiro ouvirá a sua musica, os seus artis-tas predilectos, as revelações que surgirem — e Portugal metropolitano exportará, para esses outros pedaços de Portugal perdidos pelo mundo, a representação viva do elo que os une — a voz da Patria!

Foram hoje descerrados

os retratos de diversos vultos politicos

Um aspecto da sessão solene na séde da junta de freguezia de Belem

A comissão administrativa da Junta de freguesia e a comissão paroquial da União Nacional, realizaram hoje, numa das dependencias da Casa Pia, a comemoração do 6.º aniversario da ditadura, com uma sessão solene presidida pelo Chefe do Estado, secretariado pelos srs. presidente do Ministerio, ministros da Justiça, da Guerra e da Agricultura, governador civil de Lisboa e general Vicente de Freitas, presidente da Camara Municipal.

Aberta a sessão, foi convidado o sr. presidente do Ministerio a descerrar os retratos dos srs. general Carmona, marechal Gomes da Costa, dr. Sidonio Pais, dr. Oliveira Salazar e governador civil de Lisboa, os quais se encontravam cobertos com a bandeira nacional, ouvindo-se nessa altura muitas palmas e vivas á ditadura e á Patria.

O sr. dr. João de Castro Simões Alves, presidente da comissão da União Nacional e da Junta de Freguesia de Belem, começou por agradecer a presença do Chefe do Estado e ministros áquela sessão, declarando que considera o movimento de 28 de maio como o mais glorioso dos ultimos tempos, sendo, portanto, digno das mais elevadas comemorações.

Referindo-se ao Chefe do Estado, afirmou que êle salvára a Nação, no celebre tribunal da Sala do Risco quando disse ao país que a «Patria estava doente», tal qual um clinico experimentado que fizesse o diagnostico, dando depois lugar a que cirurgiões, tambem altamente reputados, pudessem fazer a sua intervenção, operando-a do mal corrosivo que a contaminava. O sr. general Carmona soube depois continuar a obra de salvação do doente, assistindo tenazmente á sua convalescença, no lugar que hoje ocupa tão brilhantemente.

Terminando, evocou a memoria do general Gomes da Costa, e do dr. Sidonio Pais, pondo em foco a obra financeira do sr. dr. Oliveira Salazar.

O capitão David Neto, que foi recebido pela assistencia com uma salva de palmas, referiu-se largamente ao ambiente que preparou o 28 de Maio, afirmando que em Portugal reinava então o cáos. «Não havia inteligencia nem bom-senso, afirma. Vivia-se uma vida de elogios mutuos, uma vida em que esses elogios se compravam por bom dinheiro se se distribuiam recompensas. Vivia-se numa epoca de escandalos».

«Nessa epoca havia os «afonsinos», os «dominguistas» e os «lealistas» e mais «istas». Esses homens só pensavam em si! Tinhamos nessa epoca as encomendas postais, os bairros sociais, os 50 milhões de dolares, a exposição do Rio de Janeiro, etc.

O orador refere-se depois á maneira como Sidonio Pais foi assassinado, dizendo que ele ia ao Porto acalmar e desfazer certos boatos.

— Os cumplices do assassino não morreram! Não existe a pena de morte nos nossos Codigos. Porque é que um homem que mata um ou mata cem, não será morto?

«O 28 de maio não tinha programa, tinha programazinhos. O 28 de maio não foi aquilo que nós queriamos nem o que eles desejavam. Numa sessão memoravel e inesquecivel, que teve lugar na Sala do Risco, o sr. dr. Oliveira Salazar foi o unico salvador das finanças de Portugal.

«Quanto a mim ainda não está resolvido o problema financeiro.

«O edificio é muito bonito, mas faltam-lhe os alicerces, embora o país tenha pago o que devia. O problema politico tambem o não considero ainda resolvido pela situação. O sr. Presidente da Republica, nas suas viagens pela provincia tem visto nestas manifestações que o povo pede que o salvem. Foi para isso que se fez o 28 de maio.

E termina com um viva a Portugal.

Segue-se no uso da palavra o sr. Oliveira Paiva que faz o elogio do dr. Sidonio Pais.

Falaram em seguida os srs. Joaquim Lança, afirmando que a ditadura não deve acabar; Botelho. Moniz, que invocou a memoria de Sidonio Pais, e Antonio Rosario Duarte, que defendeu a necessidade de se reconciliarem os republicanos.

Por ultimo, o sr. general Carmona, agradeceu a homenagem que lhe foi prestada, encerrando-se em seguida a sessão.

Nuncio e "Estudiante" na praça do Campo Pequeno

Festa de João Nuncio que toureia o primeiro de Emilio e José Infante da Camara, aos quais brinda. Touro e cavalo são de Vale Figueira, e com o pêlo caracteristico da vacada e da coudelaria. A primeira farpa falha, e seguidamente ha um toque na montada. O cavaleiro de Alcacer refaz-se e deixa uma farpa aplaudida. A segunda fica descaída, mas a terceira está bem. Segue-se uma série de recortes finissimos e a quarta farpa merece novos aplausos. Um curto magnifico e outro bom. «Estudiante» brinda a João Nuncio e toureia por baixo e por naturais, embaralhado, mas valente. A varios passes por alto e de peito, seguese um desarme. Depois, toureia de joelhos e simula a morte. A lide termina com uma péga á portuguesa. Nuncio e «Estudiante» são chamados e faz-se uma largada de pombos coloridos.

Custodio Domingos faz um prolongado discurso, e, sobre um lenço, faz a «gaiola» com valentia. O par de Agostinho cai, e Custodio deixa um no seu lugar, o mesmo sucedendo ao segundo do colega. Agora são os ferros de Custodio que caem, caindo tambem um dos de Agostinho. O segundo de Vale de Figueira derruba e pisa dois forcados, mas Manuel Burrico acaba por subjugá-lo.

O terceiro de Infante é para Manuel Casimiro que brinda ao festejado da tarde e deixa quatro farpas boas e uma bandarilha das que quiz pôr a duas mãos, e termina com um curto que caíu, mas que foi bem apontado.

Manuel dos Santos manda tocar para pegar meia volta, uma coisa que dura meia hora e acaba com a paciencia de todos e até do touro que, não chegando a ser pegado, demorou um quarto de hora para recolher.

Quarto e ultimo dos irmãos ganaderos, um salgado e bragado que sai com palheta e «Estudiante» «veroniqueia» tão de perto que é colhido. O touro adormece na primeira vara e «Estudiante» faz o «quite» com arte. A segunda vara castiga o de Infante, que é bandarilhado com brevidade, e passa ás mãos do novo academico espanhol, que começa com um ajudado por alto, segue com dois naturais, de peito, um «molinete», continuando com valentia e terminando por ajoelhar e tocar as hastes. Mais «faena» e mais toques no garraio, que é uma pêra dôce. Muitas palmas.

Quinto, de João Tôrres, antes Esquivel. Gordo e bom tipo. João Nuncio brinda do meio da praça e crava duas farpas boas, e, após demorada preparação, outra que merece aplausos, pela dificuldade de fazer investir o de Evora, que depois se deixa tourear por «Estudiante» — valente e deligente.

RADIANTE

economica

$25

Travessa Teixeira Junior, 3
Telefone B 399—Alcantara

COMPANHIA PORTUGUESA DE FILMES SONOROS TOBIS KLANGFILM

Para os devidos efeitos se anuncia que, por escritura de 3 do corrente mês, outorgada perante o notario abaixo assinado, foi constituida uma sociedade anonima de responsabilidade limitada, nos termos dos seguintes estatutos:

CAPITULO I

Denominação, duração, sede e objecto

Artigo 1.º — De harmonia com a legislação vigente e nos termos dos presentes estatutos, é criada, por tempo indeterminado, uma sociedade anonima de responsabilidade limitada, com a denominação de «Companhia Portuguesa de Filmes Sonoros Tobis Klangfilm».

Art. 2.º — A sede da Companhia é em Lisboa mas o Conselho de Administração poderá estabelecer, onde julgar conveniente, quaisquer filiais, sucursais ou agencias.

Art. 3.º — A Companhia tem por objecto a realização de todas as operações comerciais e industriais directa ou indirectamente ligadas á produção e exploração de filmes cinematograficos sonoros ou outros, tanto por conta propria como em comissão ou representação alheia.

CAPITULO II

Capital social

Art. 4.º — O capital da Companhia todo constituido em dinheiro e inteiramente subscrito é de 1.000.000$00 e divide-se em 20.000 acções de 50$00 cada uma.

§ 1.º — Acha-se já realizada a importancia de 20 0/0 do capital. A entrada dos restantes 80 0/0 do valor das acções será realizada em quatro prestações iguais pagaveis de 30 em 30 dias, a contar da data do pagamento dos 20 0/0 iniciais.

§ 2.º — A falta de pagamento de qualquer prestação e seus juros á taxa de 6 0/0 até quinze dias depois do respectivo vencimento, implica a anulação das acções a que a falta respeita, devendo o Conselho de Administração fazer substituir essas acções e proceder em harmonia com o que a lei permita neste caso.

§ 3.º — O Conselho de Administração, quando o julgar conveniente, poderá elevar, por uma ou mais vezes, o capital da Companhia até 2.000.000$00. Para a subscrição de cada uma das emissões terão preferencia os accionistas, na proporção que o referido Conselho fixar.

Art. 5.º — As acções depois de integralmente pagas podem ser nominativas ou ao portador.

§ 1.º — Os titulos, que poderão ser de 1, 5, 20 ou 100 acções, poderão ser assinados por dois membros do Conselho de Administração Uma das assinaturas poderá ser de chancela.

§ 2.º — As acções nominativas pertencentes a um mesmo accionista poderão ser representadas por um unico titulo, mas far-se-á o desdobramento dêste, á custa do accionista, sempre que êle o desejar.

Art. 6.º — Com prévia deliberação da Assembleia Geral, a Companhia poderá emitir obrigações, nos termos e condições da legislação em vigor.

Art. 7.º — Sempre que o Conselho de Administração o julgue conveniente, poderá a Companhia adquirir as suas acções e obrigações, bem como realizar sôbre umas e outras as operações que lhe parecerem mais adequadas aos interesses sociais.

CAPITULO III

Corpos Gerentes

Art. 8.º — A Companhia é administrada por um Conselho de Administração composto de cinco a sete membros eleitos trienalmente pela Assembleia Geral.

§ 1.º — O Conselho de Administração terá um presidente, que será o Administrador-delegado.

§ 2.º — Os membros do Conselho de Administração prestarão caução do seu mandato depositando duzentas acções nos cofres da Companhia. As suas funções são remuneradas nos termos do art. 19.º dêstes estatutos. O Administrador-delegado, além das percentagens estabelecidas no referido artigo terá a remuneração que fôr fixada pelo Conselho de Administração.

§ 3.º — O Conselho reune-se ordinariamente todos os meses e extraordinariamente sempre que fôr convocado pelo Administrador-delegado ou por dois dos seus membros.

§ 4.º — A's sessões do Conselho poderá, quando o Administrador-delegado o julgar conveniente, assistir, com voto consultivo, o Director-artistico.

Art. 9.º — O Conselho de Administração terá os mais amplos poderes para dirigir e administrar todos os negocios e interesses da Companhia e praticar todos os actos que por disposição da lei ou dos estatutos não sejam da competencia especial de qualquer outra entidade social.

§ unico. — A Companhia considera-se obrigada, tanto em juizo como fora dêle, sempre que os respectivos actos e documentos sejam em nome dela assinados, ou pelo Administrador-delegado ou pelo vogal do Conselho de Administração que o substituir, nos termos do art. 24.º, ou por dois vogais do Conselho de Administração.

Art. 10.º — Ao Administrador-delegado, além das funções inerentes á sua qualidade de presidente do Conselho de Administração, compete especialmente:

a) — Submeter á aprovação do Conselho de Administração, depois de convenientemente estudados e orçamentados, todos os projectos de produção, bem como todos os planos de exploração comercial e industrial da Companhia.

b) — Superintender na escrituração da Companhia, dirigir o seu expediente e receber e assinar a respectiva correspondencia.

c) — Nomear e demitir quaisquer empregados necessarios aos serviços permanentes da Companhia, suas sucursais e agencias, e fixar as respectivas funções, vencimentos e cauções.

d) — Celebrar, em nome da Companhia, todos os contratos individuais de prestação de serviços e bem assim todos os que forem necessarios á realização dos seus fins.

e) — Estabelecer os regulamentos internos dos diversos serviços e os mais que forem necessarios para execução dêstes estatutos.

f) — Executar as deliberações do Conselho de Administração e desempenhar todas as demais funções que este lhe delegar.

§ unico. — O Administrador-delegado, ouvido o Conselho de Administração, poderá designar quaisquer pessoas, individuais ou colectivas, para o exercicio de cargos de gerentes comerciais e cometer-lhes todos ou determinados poderes de gerencia ordinaria, com ou sem restrição quanto aos lugares em que devem ser exercidos. Pode, em especial, conferir determinados poderes de gerencia a chefes de serviço ou outros empregados e encarregar certas pessoas, individuais ou colectivas, do desempenho, em nome da Companhia e por conta dela, de alguns ou alguns dos ramos do seu negocio.

Art. 11.º — O Conselho Fiscal da Companhia é composto por três accionistas eleitos pela Assembleia Geral por um periodo de três anos.

§ unico. — O Conselho Fiscal reunir-se-á uma vez em cada mês. Os seus membros receberão a importancia de 50$00 por cada sessão a que assistirem.

CAPITULO IV

Conselho de Produção

Art. 12.º — Haverá um Conselho de Produção, composto pelo Administrador-delegado, o Director-artistico e mais oito accionistas nomeados pelo Conselho de Administração

Art 13.º — Ao Conselho de Produção, que funcionará nos termos que forem fixados em regulamento especial, compete:

a) — Fixar as directrizes gerais das obras que devam ser produzidas.

b) — Pronunciar-se sôbre todas as propostas que lhe forem apresentadas pelo Director-artistico.

c) — Dar o seu parecer em todos os assuntos sôbre que fôr consultado pelo Administrador-delegado.

§ unico. — O Conselho reunir-se-á sempre que fôr convocado pelo Administrador-delegado ou pelo Director-artistico.

Art. 14.º — Compete ao Director-artistico:

a) — Apresentar os planos gerais das obras que devam ser produzidas.

b) — Propôr os colaboradores necessarios á realização de cada filme e sugerir as providencias tendentes a assegurar a sua mais perfeita execução.

c) — Alvitrar tudo o que julgar conveniente para o aperfeiçoamento dos serviços artisticos e tecnicos da Companhia.

d) — Superintender, no ponto de vista artistico, na realização das produções e fiscalizar, dirigir e facilitar a obra dos realizadores, dentro do plano aprovado para cada filme, quando não fôr êle o contratado para o desempenho dessa função.

§ unico. — O Director-artistico é nomeado pelo Conselho de Administração e terá a remuneração que este lhe fixar, além da percentagem que lhe atribui o art. 19.º dêstes estatutos.

ARTIGO V

Assembleia geral

Art. 15.º — A Assembleia Geral é constituida pelos accionistas possuidores de cem acções averbadas ou depositadas na Companhia sessenta dias, pelo menos, antes do designado para a primeira reunião.

§ unico. — Os accionistas terão um voto por cada cem acções que possuirem. Os accionistas possuidores de menos de cem acções poderão agrupar-se em ordem a completar este numero, fazendo-se representar por um dos agrupados.

Art. 16.º — A Assembleia geral reunir-se-á ordinariamente no primeiro trimestre de cada ano, e extraordinariamente sempre que fôr convocada pelo Conselho de Administração, pelo Conselho Fiscal ou a requerimento de accionistas que representem, pelo menos, a quinta parte do capital da Companhia.

Art. 17.º — Para se constituir, em primeira convocação, uma Assembleia Geral, é necessaria a presença de accionistas que representem, pelo menos, um terço do capital social.

CAPITULO VI

Exercicio social, lucros, dissolução e liquidação

Art. 18.º — O exercicio social começa em 1 de Janeiro e termina em 31 de Dezembro de cada ano, contando-se como primeiro exercicio o tempo que decorrer desde a data da constituição da Companhia até 31 de Dezembro de 1932.

Art. 19.º — Os lucros liquidos que se apurarem em cada exercicio terão a seguinte aplicação:

1.º — Para o fundo de reserva, 5 0/0.

2.º — Para a remuneração do Conselho de Administração, 7 0/0.

3.º — Para remuneração do Administrador-delegado, 3 0/0.

4.º — Para remuneração do Director-artistico, 3 0/0.

5.º — Para remuneração das acções, um dividendo até 8 0/0 do respectivo capital.

6.º — Para o fundo de renovação e melhoramento do material e instalações ou, se assim o deliberar a Assembleia Geral, para complemento de dividendo ou outra aplicação especialmente determinada, a quantia restante.

Art. 20.º — Na dissolução e liquidação da Companhia observar-se-ão as disposições da lei e dos presentes estatutos, e as deliberações da Assembleia Geral.

§ 1.º — Ao Conselho de Administração competirá proceder á liquidação social, quando o contrario não houver sido determinado pela Assembleia.

§ 2.º — Se a liquidação fôr feita pelo Conselho de Administração terá este todos os poderes constantes do art. 134.º do Codigo Comercial, seu § 1.º e parte final do § 2.º.

CAPITULO VII

Disposições gerais e transitorias

Art. 21.º — Ninguem poderá desempenhar qualquer cargo ou função nem prestar qualquer serviço remunerado sem possuir, pelo menos, uma acção da Companhia.

Art. 22.º — Os accionistas gozam das seguintes regalias:

a) — Os portadores de uma acção terão o direito de visitar as instalações da Companhia, assistindo a filmagens e recepções no estudio, nas condições que forem fixadas.

b) — Os portadores de cinco acções terão o direito de assistir á ante-primeira exibição de todos os filmes produzidos, e bem assim, em igualdade de condições, a preferencia para quaisquer contratos individuais de execução artistica ou prestação de serviços.

c) — Os accionistas subscritores das primeiras 20.000 acções consideram-se fundadores, e terão, além dos direitos mencionados nas alineas anteriores, o da preferencia, em igualdade de circunstancias, para a celebração de quaisquer contratos necessarios para a exploração industrial ou comercial da Companhia.

Art. 23.º — Os membros dos Conselhos de Administração e Fiscal, bem como os da Mesa da Assembleia Geral, são reelegiveis.

Art. 24.º — Os vogais dos Conselhos de Administração e Fiscal serão substituidos nas suas faltas ou impedimentos pelos accionistas que forem indicados pelo presidente da Assembleia Geral. O Administrador-delegado será substituido pelo vogal do Conselho de Administração que êste indicar. Os substitutos exercerão as suas funções até á reunião da primeira Assembleia Geral ou até que cesse o impedimento que deu causa á sua nomeação.

Art. 25.º — Os cargos em qualquer dos corpos estabelecidos nestes estatutos podem ser desempenhados por sociedades comerciais que sejam accionistas. Estas sociedades indicarão as pessoas que as representam para o exercicio dos referidos cargos.

Art. 26.º — Para o primeiro trienio, o Conselho de Administração fica constituido pela forma seguinte: Dr. Antonio Fonseca, Administrador-delegado; Dr. Artur Campos Figueira, Dr. Caetano Maria Beirão da Veiga, Dr. Hilderico Cardoso Inacio Teixeira e Dr. Ricardo Jorge.

§ unico. O Conselho de Administração fica autorizado a elevar até sete o numero dos seus membros, bem como a designar as pessoas que, além das indicadas neste artigo, hão-de desempenhar as respectivas funções no primeiro trienio.

Art. 27.º — E' desde já convocada, para o proximo dia 8 do corrente, pelas 17 horas, na Avenida da Liberdade, n.º 141, 1.º andar, a Assembleia Geral extraordinaria, afim de se proceder á eleição do Conselho Fiscal e da Mesa da Assembleia Geral.

Lisboa, 4 de Junho de 1932.

O notario,

FERNANDO TAVARES DE CARVALHO

Grande Lotaria de S.to Antonio

A 11 DE JUNHO

V. Ex.ª se quere apanhar os **3.000 contos**, deve comprar ou fazer o seu pedido a

José Pedro

Rua Arco Bandeira, 173

Bilhetes a	800$00
Meios a....................	400$00
Quartos a..................	200$00
Decimos a	80$00
Vigesimos a	40$00
Cautelas a	21$00
„ „	12$00

PELO CORREIO MAIS 1$00

Atenção

V. Ex.ª querendo ser servido com jogo para esta grande lotaria não deve demorar o seu pedido, pois que muito cedo se deve esgotar, e bem assim, todos os pedidos devem ser feitos até ao dia 8, pois que o dia 10, vespera de andar a roda, é feriado Nacional. razão porque nos correios só registam correspondencia até ás 10 horas.

Telefone 2 5538

Fogões, Esquentadores, Fogareiros e Lanternas da Vacuum

Venda e concertos de toda a natureza por pessoal habilitado e com longa pratica. Preços e acabamento sem competencia.

Nova Loja dos Candeeiros

RUA DA HORTA SECA, 9 — Tel. 2 1451

3.000.000$00

E' o premio maior da

Lotaria de Santo Antonio

em 11 de Junho

Preços

Bilhetes a	**800$00**
Meios a	**400$00**
Decimos a	**80$00**
Vigesimos a	**40$00**
Cautelas a	**21$00**

(Pelo correio mais 1 escudo)

Pedidos a

Campião & C.ª

116, Rua do Amparo, 116

POLICLINICA DA RUA DO OURO

Entrada: Rua do Carmo, 98, 2.º — Telefone 26195

DR. ARMANDO NARCISO — Medicina, Coração e pulmões — 5 h.

DR. BERNARDO VILAR — Cirurgia Geral, operações — 5 h.

DR. MIGUEL DE MAGALHAES — Rins e vias urinarias — 10 h.

DR. CORREIA DE FIGUEIREDO — Pele e sifilis — 5 h.

DR. LOFF — Doenças nervosas, electroterapia — 2 h.

DR. MARIO DE MATOS — Doenças dos olhos — 2 h.

DR. MENDES BELLO — Estomago, figado e intestinos — 3 h.

DR. FILIPE MANSO — Doenças das crianças — 2 h.

DR. CASIMIRO AFONSO — Doenças das senhoras, operações — 2 h.

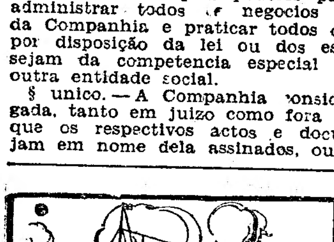
DR. FRANCISCO CALHEIROS — Garganta, nariz e ouvidos — 4 h.

DR. ARMANDO LIMA — Boca e dentes, protese 12 h.

DR. ALEU SALDANHA — Raio X — 4 h.

ANALISES CLINICAS

NELSON LINE



Para **Las Palmas, S.ta Cruz de Teneriffe, Rio de Janeiro, Santos, Montevideo e Buenos Aires**

Os paquetes **Highland Monarch** em 15 de Junho.
Highland Chieftain em 29 de Junho.
Highland Princess, em 13 de Julho.

Para **Vigo, Boulogne e Londres**

Os paquetes **Highland Chieftain,** em 6 de Junho.
Highland Princess, em 20 de Junho.
Highland Brigade, em 4 de Julho.

Para carga e passagens de primeira, intermediaria e terceira classes tratar com os agentes em Lisboa

E. Pinto Basto & C.ª, L.da **Avenida 24 de Julho, 1, 1.º andar**
Telefones: 2 6001 — (4 linhas)

Segundo Aspera Hermida

Sua viuva e filhos mandam rezar uma missa pelo seu eterno descanço no dia 6, ás 10 horas, na igreja de S. Mamede.

A actualidade internacional

O enigma germanico

O acontecimento internacional da mana é constituido pela crise polica almã. Mas tão nebulosas se ofecem as circunstancias que determiaram essa crise como os objectivos que obedece a solução von Papen. ue pretende Hindenburgo? Substiir o apoio parlamentar do bloco calico-social-democrata pelo da Reiswer, *corporação militar que subsuiu o exercito extinto em Versailles elos aliados? Estabelecer condições ordem que evitem a ascensão turlenta dos* nazis *ao poder? Evitar choque, que degeneraria em guercivil, entre estes e os comunistas, bustecidos por uma inevitavel apromação das massas operarias que, é agora, se têm mantido fieis á sol-democracia?*

Em resumo: — contra Hitler ou a vor de Hitler?

A convocação das eleições para a rmação de um novo Reichstag da-, sem duvida, a vitoria ao chefe zi. Mas como a tradição do nacioal-socialismo impede aproximações acôrdos com a social-democracia, ta teria por unico aliado possivel comunismo. Teriamos, destarte, as Alemanhas, numericamente uivalentes e ambas combativas. A rar civil surgia em curto prazo.

Quais são, portanto, as intenções de ndenburgo? Talvez prolongar, á rgem da Constituição, o governo n Papen, de modo a dar tempo a e a Conferencia Economica Munl, a reunir brevemente, chegue a ultados positivos que aliviem a emanha do peso asfixiante da cri economica actual, exaltadora dos tremismos da direita e da esquer-, respectivamente, representados nazis *e por comunistas. Esbatida passionalidade politica com a possi- derogação de indemnizações e vidas, atendidas certas exigencias patriotismo germanico, tais como extinção do* corredor polaco, *renasia o predominio dos partidos do tro, do alemão médio, da peque- burguesia. Afastado, deste modo, perigo, a Alemanha estaria salva.*

Pensa assim Hindenburgo? Terá ça para lutar com as dificuldades ernas e internas apensas áquele ovavel programa? Temenos muito eiencia das previsões e entregamos, isso, a resposta ao futuro.

A ultima batalha?

Até o fim deste ano, efectuar-se-hão três conferencias; uma em Lausanne, das nações interessadas nas dividas e reparações; outra em Otawa, no Canadá, dos diversos *dominios* britanicos; e, por ultimo, uma reunião mundial para estudar e resolver a maneira de remediar a catastrofe financeira e economica que começa já a ser uma realidade. Este conjunto de reuniões é de uma importancia suprema, quasi diriamos decisiva, para a civilização ocidental.

Camilo Aymard, na *Liberté*, de Paris, coloca o problema duramente: — «Na verdade, nós estamos assistindo ao afundamento financeiro de dois terços da Europa». Proclama, depois, que desde que a Alemanha não pague, proclamando por si mesmo uma moratoria interminavel, sôbre a Europa, cujo equilibrio é já tão fragil, «desabará uma avalanche de moratorias que os meios financeiros consideram, agora mesmo, inevitaveis. O afundamento financeiro implicará, automaticamente, uma nova depressão economica, caracterizada pela multiplicação das falencias e o rapido crescimento do desemprego. E esse imenso empobrecimento recrutará, sob a bandeira da miseria e da revolução, milhões de novos recrutas. Então, as revoltas sociais, que a sagacidade dos governos ou os seus sacrificios retardaram até agora, explodirão, golpe sôbre golpe, em todas as nações, propagando-se com a rapidez vertiginosa de um incendio produzido entre hervas sêcas.»

E, depois de descrever a inferioridade dos estadistas ante a crise, incluindo os dos Estados Unidos, nação ameaçado dos mais graves perigos, Aymard recorda-nos: — «Pouco tempo nos separa da data fatidica de 16 de Junho, parece que marcada pelo destino para a Conferencia de Lausanne. E ninguem, a França pelo menos, parece dar-se conta de que o mundo capitalista vai travar a sua ultima batalha».

Só se ganha perdendo

Depois do sombrio humor de Gustavo Aymard, o professor de economia B. K. Sandwell, norte-americano, autor de um plano de extrema simplicidade para a salvação do mundo, apresenta-se-nos mais agradavelmente. O mencionado plano é, de resto, de uma clareza infalivel. Eis como o seu autor o expõe: — «Consideremos a possibilidade da creação de uma sociedade internacional, a qual compreenderia todo o mundo, á excepção dos americanos e cujo nome seria o de «Sociedade dos Amigos dos Estados Unidos». O fim unico da mencionada organização seria obter um acôrdo geral entre as nações hegemonicas do mundo para que não mais pagassem as dividas de guerra».

Assegura, depois, o autor que isto representaria o acto mais amigavel que aos Estados Unidos se poderia fazer. De facto, demonstra ele que o seu país se tem paradoxalmente arruinado para poder receber as dividas de guerra. Estabelecido que ninguem as pagava, o que se passaria? Aliviada a economia mundial do asfixiante fardo, a baixa de preços tornar-se-hia universal e os Estados Unidos aumentariam tanto o seu movimento comercial que, esse mesmo aumento, o recompensaria da «perda» das dividas europeias.

Estabelece Sandwel que «a ideia de que a anulação das dividas entre nações só pode vir do crédor é completamente falsa». As nações a nada renunciam e devem, portanto, neste caso, ser obrigadas a renunciar. Se o mundo não quizer pagar, que fazem os Estados Unidos? Uma guerra? Mas esta seria mais cara que as dividas...» conclui Sandwel. Tudo acabará bem, diz ele. E profetiza: «No primeiro dia em que soubesse que os Estados Unidos nada fariam contra os seus devedores, os jornais encheriam com a noticia a primeira pagina. No segundo dia, o reflexo estaria nas secções financeiras, repletas de desagradaveis noticias de animação comercial, caracterizada pela venda dos grandes *stoks*, agora pouco menos que paralizados. Ao terceiro dia, essa realidade impôr-se-hia de tal modo que todos verificariam, então, haver-se iniciado uma epoca de prosperidade para todo o mundo, sem precedente na historia da economia. Por não lhe pagarem, os Estados Unidos ganhariam o que nunca pensaram que fôsse possivel ganhar...

Escola de oradores

Os alemães, embora usem falar muito em banquetes e outras circunstancias, não são, em geral, tão bons oradores como os povos latinos. A sua eloquencia é difusa e sem inflexões. Ora, nesta hora de intensa agitação politica, o dom verbal é indispensavel a todo o germano que pretenda exercer qualquer acção, ainda que modesta. Falando é que as pessoas se entendem — segundo o dito popular.

Com o seu espirito metodico e organizador, trataram os teutões de remediar, quanto possivel, essa escassez de vocações tribunicias, seguindo, deste modo, caminho oposto ao nosso, que condenou inexoravelmente a verborreia, proclamando, em antagonismo, a eloquencia do silencio.

Não se admirarão, portanto, os leitores com a novidade de que, em Berlim, foram fundadas diversas escolas de eloquencia. Frequentadas por pessoas de qualquer idade, de qualquer classe social e de qualquer profissão, denunciam o desejo universal de se ser «bem falante».

Um corpo de professores cuidadosamente escolhidos ensina os discipulos a falar de tudo, a falar, mesmo, pelos cotovelos. Aprende-se a fazer um brinde para cerimonias, uma sentida e delicada oração funebre e, em grau já mais elevado, conferencias e discursos sob os temas mais variados de politica e de cultura geral. A politica é a grande moda da Alemanha, e como não ha nenhum alemão que se considere que não faça parte de numerosas associações — que constituem o arco-iris que vai do comunismo ao hitlerianismo — é indispensavel, tambem, saber pronunciar quaisquer palavras solenes entre dois copos de cerveja...

Funcionam, deste modo, as escolas de eloquencia com as lotações esgotadas. E como cada homem encerra um orador, possivel ou não de revelar, em breve a Alemanha apresentará Cicero e Demosthenes em série — segundo o estilo industrial moderno.

NO COLISEU

Uma sessão de cinema que não torna a repetir-se — Bébé Daniels de novo no «ecran»

Preços acessiveis a todas as bolsas

Só hoje é possivel oferecer ao publico lisboeta uma formidavel sessão cinematografica no Coliseu, em que são exibidos alguns dos films que maior sucesso obtiveram entre nós e para muita gente constituem ainda novidade.

Esses films são: "Caçadores de Imagens", super-produção em 8 partes, do qual é protagonista a graciosissima vedeta Bébé Daniels que ha muito tempo com pena de todos nós, não aparecenos écrans da capital; "Cantando vêm, cantando vão"... uma produção cómica que obtem o mais extraordinario dos exitos, o que não admira porque é interpretada felicissimamente pelos grandes artistas Richard Dix e Nancy Carrol; alem de 1 filme cómico e outro de actualidades.

E', portanto, um espectáculo unico que não se pode perder, tanto mais que os preços são baratissimos, como seguem:
—Frizas, 7$50; Camarotes de 1.ª, 15$00; Camarotes de 2.ª, 10$00 e 7$50; Fauteuils, 4$00 e Geral, 2$00.

IMPORTANTE LEILÃO
no Palacio das Larangeiras
Estrada das Larangeiras, 205 (Electricos de Carnide) Sob a direcção da:
Casa Liquidadora — Antigo Bazar Catolico de Maria Guilhermina de Jesus
131 — AVENIDA DA LIBERDADE — 153 Telefone 2 7642
Pregoeiro: DIAMANTINO SOARES
AMANHÃ e dias seguintes ás 14 horas

DINHEIRO
MPRESTA-SE em hipotecas de pre- em Lisboa. Juro modico. Ros-, 74, 1.º
nde se almoça melhor, por 10 escu- é na «Chic».

APOLO Hoje ás 9 3|4
em ultimo domingo
A Pastilha do amôr
NOITE DE GARGALHADA
A seguir: A HORA DO DIABO

SUM
E' o limpa metais que vence

«RESTAURANT PACO»
55, R. das Gaveas, 57
aberto das 10 ás 2 da manhã
Esplendido serviço de cosinha a cargo de uma tecnica
Boa Ginja—Boa Garrafeira—Bons vinhos
Aceio e economia—Telefone 2 7869

A TARDE DESPORTIVA

Lisboa vence Madrid por 4 a 2

F. C. do Porto vence Maritimo do Funchal

A tradição dos encontros militares Lisboa-Madrid realou-se hoje, num jogo de caracter beneficente, unico que justifica o certame entre as duas capitais peninsulares.

Quasi todos os jogadores são de idade militar. Deste modo os jogadores da força armada são quasi sempre os dos clubes de categoria. E tanto assim é que os jornais não noticiam: Fulano é do 22 de infantaria, Cicrano do 3 de artilharia, Beltrano do Batalhão de telegrafistas. Mas noticiam: O defeza é do Real de Madrid ou dos Belenenses, o avançado é do Atletic ou do Sporting.

Lisboa militar hoje ganhou e pode dizer-se que quem ganhou foi o Belenenses.

* * *

Eis a linha portuguesa: C. Silva; Viriato e Belo; Almeida, A. Silva e Cesar; Mendes, Heitor, Rodolfo, Bernardo e José Luiz.

A linha espanhola inicial: A. Lopez, Olavo e Coral; Antonio Santos, Ordonez e Sanchez; Eugenio, Marin, Lozada, Hilario e Olavo II.

Arbitro, Silvestre Rosmaninho. Fraca assistencia, em relação á importancia do jogo. Razões disto? Encontram-se neste conjunto de circunstancias: pouco interesse de competição, reclamo mal dirigido, bilhetes caros, quasi unidade clubista na linha de Lisboa.

Estão presentes alguns ministros e o sr. embaixador de Espanha.

O primeiro tempo

As primeiras avançadas são dos espanhois. Um passe de Marin a Hilario dá logo um *goal* contra Portugal. O arbitro invalidou, por mão do jogador de Madrid. O espanhois apertam a nossa defesa, e ha dois *corners* contra Lisboa, sinal da pressão adversaria. Augusto Silva, num lance infeliz, magôa-se e sai do campo, sendo substituido por Jorge Tavares.

1 a 0 de Madrid

Aos 9 minutos, os espanhois repetem uma avançada. Ha um passe de Hilario e Olavo, este centra e Marin remata rasteiro e faz o 1.º *goal*, que Carlos Silva não pode defender, pois entrou em canto.

Os espanhois, alêm da vantagem do ponto, marcam vantagem territorial e superioridade em tecnica; controlam bem e revelam-se homens de remate. A sua defesa alivia com facilidade. Os rapazes de Lisboa parece que ainda não assentaram jogo.

Aos 15 minutos, ha um *free* contra Madrid, primeiro momento de perigo para os mobilizados de Madrid. Mendes remata forte, mas alto.

O empate de Lisboa

Aos 19 minutos, os portugueses, que têm reagido, fazem uma avançada pelo centro. Rodolfo passa a José Luiz, este correu com a bola, Olavo, o *back*, hesitou na entrada, e o mesmo José Luiz rematou rasteiro, ao canto, e faz o *goal* de empate.

Os portugueses animam-se; as fugidas de Mendes entusiasmam o publico, que tem estado até aqui frio. Mendes marca um *corner*, que Rodolfo, de cabeça, atira para *goal*, mas a bola bate na trave.

O jogo tem agora equilibrio; os lisboetas apercebem-se de que a linha média espanhola não é a mais forte do conjunto adversario. Jorge Tavares foi substituido por Varela, que tem «mais fisico».

Como os nossos teimam em libertar-se da pressão inicial de Madrid, o jôgo vai ganhando em interesse, que o empate provocou. Nota-se que a aza esquerda do ataque de Madrid trabalha admiravelmente a bola. Volta a haver momento de perigo para Lisboa; sôbre o avançado centro Louzada cai a nossa defesa em desespero. Jogada confusa, mas o perigo passa.

O trio central avançado português tem estado apatico.

Ao entrar-se na meia hora do jogo, os portugueses voltam a precisar de se aglomerarem á defesa. Merece vêr-se, como raro em beleza e em ligação, o jogo de ataque de Madrid, aparentemente «facil», mas em rigor produto de uma classe de *association* perfeitissima.

Viriato, o nosso defesa do União, tem-se afirmado bem. Continua a dansa na nossa linha media: Varela para a direita e Almeida para o centro. Porquê?

Aos dez minutos do fim desta primeira parte os rapazes de Lisboa logram avançadas em forma, com boa triangulação, e sem os impetos isolados que caracterizam os ataques desorganizados. Não chegam, porém, a levar perigo á area espanhola, nem o «guarda-meta» tem tido ocasião de mostrar se vale muito ou pouco. Defesas de ensaio.

Num lance apertado para Lisboa, Carlos Silva com a sua velha experiencia, salvou um «goal» certo, atirando-se corajosamente aos pés de Marin. As avançadas são agora alternadas, mas sempre mais ou menos perigosas para Lisboa, e faceis de destruir para os rapazes de Madrid.

Registam-se alguns «tiros» ao «goal» português, que razam o poste.

Madrid, de uma maneira geral, confirma a classe demonstrada logo de inicio. A linha dianteira do «Real Madrid», como ficou uso dizer-se, tem fama em Espanha.

Com o decair do primeiro tempo, a monotonia volta, e a vantagem espanhola torna a ter relevo.

Não se meterá a fundo a linha portuguesa? Foi por supôr isto, talvez, que o publico se alheou um bocado deste partido.

Quasi no fim do primeiro tempo, um avançado português, Rodolfo, shotou com força, na area espanhola. A bola bateu, por acaso, no braço de um defesa espanhol.

Silvestre Rosmaninho ordena «penalty». Os jogadores espanhois protestam asperamente; não querem «penalty», e parte do publico dá-lhes razão.

O arbitro, porém, inflexivel no seu criterio estabelecido, mantem o castigo.

Os espanhois obedecem. Rodolfo marca o «penalty», mas o «keeper» Antonio Lopez defende com maestria. O arbitro, pouco depois, determina expulsar do campo Marin, o interior direito, por incorrecção de palavras e de atitudes. O jogador não quer sair, e, nesta altura o publico toma francamente a defesa do arbitro.

O jogo é suspenso. Passam alguns minutos, durante os quais os espanhois não querem obedecer ao arbitro. O sr. Silvestre Rosmaninho ameaça retirar-se do campo, e o publico aplaude.

Finalmente, um oficial espanhol ordena que Marin saia. O interior esquerdo de Madrid cumpre, mas o arbitro consente que ele seja substituido, para dar a contrapartida.

E o jogo recomeça, para um minuto depois fechar o primeiro tempo.

Pelo relato acima, o leitor apercebe-se do jogo feito e do merito das linhas. Em verdade, o empate não corresponde ao jogo feito e á classe das «equipes». A vitoria de Madrid, por diferença de um *goal*, seria mais justo. A linha portuguesa ressente-se de estar em frente de uma «equipe» que possui um valoroso ataque, e talvez da falta de *entrain*, da ausencia da velha raie de Belem.

Confia-se na segunda parte.

A segunda parte

A linha média portuguesa é agora constituida por Carlos Rodrigues, Almeida e Cesar. Os espanhois tambem têm modificações, mas jogam com os onze homens da lei. Logo de inicio nota-se mais vigor na linha de Madrid, o que pode vislumbrar dureza. A saída imposta a Marin deve ter-lhes prejudicado a homogeneidade.

Avançadas alternadas, e equilibrio de jogo, nos primeiros cinco minutos.

Espera-se, contudo, que qualquer dos «teams» desmanche o 1 a 1.

Os rapazes de Madrid acentuam a sua pressão. E, como acima já ficou dito, os seus ataques são quasi sempre perigosos.

Em certo lance, Hilario, agora avançado centro de Madrid, encontra-se só diante das rêdes.

Carlos Silva tem nesta altura uma defesa «in-extremis», magnifica, que arranca grande ovação. E pouco depois repete outra enorme defesa.

Na «equipe» portuguesa é agora a linha de médio a que mais joga. A linha da frente, diz o publico, «nem parece a dos Belenenses». Heitor tem falhado algumas bolas possiveis.

Os espanhois de vez em quando discutem as deciseõs do arbitro, apesar de estarem em dominio. Carlos Silva volta a ter outra admiravel defesa a um remate de Olavo. Belo tem-se feito aplaudir, principalmente numa oportunissima entrada. O publico está interessado, mas não entusiastico; o jogo tem uma caracteristica de vulgaridade, sem emoção, sem a ansia pela vitoria.

Notam-se algumas avançadas portuguesas, mal sucedidas. Na grande area, sobretudo, os nossos avançados não dão o rendimento que deles havia a esperar.

Aos 15 minutos de jogo Lisboa, não sabemos se episodicamente, sai do dominio, e logra memo uma pressão de certo modo bem vincada, mas sem estabelecer, propriamente, o que se possa dizer perigo para Madrid. Esta vantagem territorial vai-se prolongando; contudo os remates altos ou tortos são a sua caracteristica.

Nesta parte, e até agora, toda a nossa defesa melhorou, aliviando e destruindo. A linha média está a cumprir bem. A linha da frente, ao contrario do que se esperava, está desarticulada, até sem rasgos individuais. Mendes, a quem os seus companheiros do outro clube não passam jogo que se veja — pouco dá de si.

Lisboa 2 a 1

E aos 20 minutos, Madrid continua a perder em regularidade e até em energia, embora logrem ir ás rêdes.

A seguir, Mendes consegue rematar, mas ás mãos do guarda-meta.

Admite-se a hipotese de Lisboa desempatar, pois criou-se, enfim, o espirito da vitoria.

Madrid torna a fazer um ataque, que sai logrado.

Aos 24 minutos, tendo voltado Portugal ao ataque, Heitor recebeu uma bola da direita, e a vinte metros, num «bico» fortissimo, faz o 2.º *goal* para as côres de Lisboa.

A' ovação segue-se outro momento de entusiasmo português. Reaparecerão os Belenenses?

Aos 26 minutos, Rodolfo consegue a bola e lança-a a José Luiz. Este, no seu sistema de se internar, choca com o defesa espanhol Olaso. Mesmo assim, apertado, consegue apontar, forte, e marcar o 3.º *goal* português, sesgado.

José Luiz, porém, em conequencia do choque, fica inanimado e sai do campo. Portugal joga com dez homens. Mas o entusiasmo agora é enorme, e como a vitoria é certa, o jogo está a ser feito á vontade. Perde-se um grande remate de Bernardo.

Madrid está completamente desorientada.

Vitoria acentuada

Aos 30 minutos, ante o ataque insistente, Heitor lança a Rodolfo, este corre e passa a Bernardo, e este interior esquerdo faz o 4.º *goal* para Lisboa, aplaudido freneticamente.

Vantagem, dominio e tecnica pertencem por momentos inteiramente ás côres de Lisboa. Contudo, a certa altura, e sem se livrarem da pressão, os espanhois atacam. Quando faltam dez minutos para acabar, o interior esquerdo, de longe, «a ver se pega», aponta ás nossas rêdes. Carlos Silva apanha a bola, que era relativamente facil, mas deixa-a cair das mãos. A bola, mesmo sôbre a linha — entra.

4 e 2 por consequencia. Este ponto anima Madrid; uma falta de João Belo ia dando novo *goal* aos nossos visitantes.

O jogo volta ao equilibrio; estas alternativas são consequencia das circunstancias morais em que se desenvolve a partida. Pode dizer-se que o imprevisto «goal» madrileno desfez a «enfiada» para a qual se preparavam, segundo o habito ultimamente contrario, sem querer, os rapazes dos Belenenses.

Nos ultimos minutos ha a registar um fortissimo remate de Heitor, que se perde, e uma boa defesa de Carlos Silva.

O resultado corresponde ao jogo desenvolvido.

De uma maneira geral pode dizer-se que o primeiro tempo pertenceu a Madrid, com algumas reacções da nossa parte, e a segunda parte a Lisboa, e muito mais acentuadamente, principalmente no segundo quarto de hora.

A «équipe» de Madrid revelou talvez mais classe; a nossa entendeu-se muito tarde, mas acabou por se entender, que era o preciso.

Os nossos melhores foram Almeida, Viriato, Belo e Cesar. Os outros esforçados. Dos espanhois, a cujo conjunto Marin fez grande falta, na segunda parte, os melhores fôram Hilario, Marin, e o «back» Olaso.

Arbitragem regular.

Campeonato de Portugal

O Porto venceu o Maritimo por 3 a 2

O jôgo da segunda mão dos quartos de final para o Campeonato de Portugal, hoje jogado no Porto, deu a vitoria do F. C. do Porto sôbre o Maritimo do Funchal, por 3-2. — (E).

Atletismo

Taça «Serra e Moura»

No Campo Grande, realizaram-se hoje as provas de atletismo para a Taça «Serra e Moura».

Eis alguns resultados:

3 por 83, barreiras: 1.º, Sporting, 43' 1/5, batendo o «record»; 2.º, Internacional; 3.º, Academico.

Saltos em altura: 1.º, Sporting, 4,32 metros; 2.º, Internacional, 4,76; 3.º, «ex-aequo», Academico e Belenenses, 4,36.

O concorrente Vasconcelos, do Internacional, bateu o «record» de «juniors» em Portugal.

Lançamento do disco: 1.º, Sporting; 2.º, Internacional; 3.º, Gimnasio.

3 por 1.000: 1.º, Sporting; 2.º, Probidade; 3.º, «Os Treze».

3 por 80: 1.º, Sporting; 2º, Belenenses; 3º, Internacional

A cada prova concorre uma «equipe» de club, composta por um principiante, um «junior» e um «senior».

«Hand-Ball»

Prossegue a disputa do campeonato de Lisboa de «Hand-Ball».

Na serie A, o Sporting vai á cabeça da classificação nas duas categorias, devendo, por isso, ser um dos finalistas da prova. O club leonino forma com o Portugal e o Grupo D. «Os Treze», os três melhores agrupamentos da 1.ª série.

O club do Campo Grande defrontou, hoje, o Grupo D. «Os Treze», tendo triunfado por 3-2.

O Sporting desenvolveu, tecnicamente, um jogo superior ao adversario, mas este actuou sempre com grande entusiasmo, fornecendo uma partida animada e repleta de boas fases.

Em segundas categorias, marcou pontos por não comparecer o adversario.

SÃO LUIZ A's 9,30
Telef. 2 7172 e 2 7580
Ultimas exibições do filme
VIRTUDES MODERNAS
Soberba criação de JOAN CRAWFORD

TIVOLI
Telef. 218 A's 21,30
Ultima da comedia musicada
O TENENTE DO AMOR
AMANHÃ
"Tio Sam na côrte do Rei Artur"
Sonho comico, interpretado por Will Rogers